



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO (MPLE)**

**MARIA DO SOCORRO MARCELINO BANDEIRA**

**A FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: AS REFABULAÇÕES POSSÍVEIS**

João Pessoa

Abril/2017

**MARIA DO SOCORRO MARCELINO BANDEIRA**

**A FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: AS REFABULAÇÕES POSSÍVEIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Linha de Pesquisa:** Teoria Linguística e ensino.

**Orientadora:** Profa. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria Cândido da Silva

João Pessoa

Abril/2017

B214f Bandeira, Maria do Socorro Marcelino.  
A formação leitora dos alunos do ensino fundamental: as  
refabulações possíveis / Maria do Socorro Marcelino Bandeira.  
- João Pessoa, 2017.  
74 f.: il. -

Orientadora: Sônia Maria Cândido da Silva.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHL

1. Linguística e Ensino. 2. Práticas de leitura. 3. Produção  
textual. 4. Leitores – Formação. 5. Fábulas. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 81:37(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
MARIA DO SOCORRO MARCELINO BANDEIRA

Aos dez dias do mês de abril de dois mil e dezessete (10/04/2017), às catorze horas, realizou-se na Sala do VALPB/CCHLA, e sessão pública de defesa de Dissertação intitulada *Formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental I: as refabulações possíveis* apresentada pela mestrandia MARIA DO SOCORRO MARCELINO BANDEIRA, graduada em LETRAS pela UFPB, que concluiu os créditos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Ensino, segundo encaminhamento da Progfa, Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz, Coordenadora do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. A Banca foi composta pela Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva, na qualidade de orientadora, e pelas Examinadoras, Profa. Dra. Ana Cristina de Sousa Aldrigue (MPLE/UFPB) e Profa. Dra. Eliane Ferraz Alves (CE/UFPB). Dando início aos trabalhos, A Senhora Presidente, Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva, convidou os membros da Banca para compor a Mesa. Em seguida, foi concedida a palavra a Mestranda para apresentar uma síntese de seu trabalho, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores apresentaram o parecer final, ao qual foi atribuído o conceito aprovado. Após a divulgação do resultado foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e será assinada pela Senhora Presidente juntamente com os membros Banca Examinadora. João Pessoa, 10 de abril de 2017.

Prof. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva  
Orientadora

Prof. Dra. Ana Cristina de Sousa Aldrigue  
Examinadora

Prof. Dra. Eliane Ferraz Alves  
Examinadora

**MARIA DO SOCORRO MARCELINO BANDEIRA**

**FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS  
REFABULAÇÕES POSSÍVEIS**

Habilitação: Linguística e Ensino

Aprovação em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Cândido da Silva  
Orientador- UFPB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ferraz Alves  
Examinador I UFPB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina de Souza Aldrigue  
Examinador II UFPB

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Onireves de Castro  
Suplente -UFCG

## AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, por estar sempre presente comigo, me concedendo forças, condições e sabedoria para que eu possa ser vencedora diante dos obstáculos para chegar ao término da trajetória deste curso.

À minha família, pelo incentivo e ponto de apoio e motivação para mim, durante o meu período acadêmico.

Ao meu esposo, pelo amor, carinho, colaboração e apoio constante.

À minha filha, meu filho (*in memoriam*) e aos meus netos que suportaram a minha ausência durante o período em que estive na UFPB para a realização deste curso.

À minha Orientadora Dr<sup>a</sup>. Sonia Cândido que, tão cordialmente, deu toda orientação necessária para elaboração deste trabalho.

Ao corpo do Programa (MPLE), Coordenadores, docentes do curso, a secretária e aos colegas de sala que muito contribuíram com seus conhecimentos valiosos no decorrer de todo curso.

Ao corpo técnico da escola campo: docentes, secretária, funcionários, pais e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado. Egídio Madruga pela colaboração no levantamento das informações que faram a concretização deste trabalho.

## DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me dado a oportunidade para participar do Mestrado em Linguística e Ensino e realizar um grande sonho. À Professora Doutora, Sônia Maria Cândido da Silva, orientadora da dissertação. Obrigada pela partilha do saber e pelas orientações para a efetivação do texto dissertativo. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho.

## RESUMO

O trabalho de Pesquisa foi desenvolvido no âmbito da Escola Municipal de Ensino fundamental Deputado Egídio Madruga vinculada à Secretaria Municipal de Santa Rita. Teve como objetivo geral analisar as práticas de leitura e as produções do texto fábula e apresentar uma contribuição para a formação da competência leitora dos alunos. Como atividade, foi elaborada uma Sequência Didática e aplicada com a finalidade de diagnosticar as dificuldades de leituras apresentadas pelos participantes, uma das atividades está centrada no processo de refabulação, através de produção escrita e ou/ com imagens. As discussões que permearam as atividades de leitura, de produção do aluno, partiram dos pressupostos fundamentados, basicamente em; Koch e Elias, (2006); dos escritores de fábulas Lobato, (1994); Fernandes, (2003), Schuler (2004). Diante da fase de aplicação e vivência da Sequência Didática, os alunos participantes produziram o texto (Refabulação) cuja produção subsidiou a análise da compreensão leitora e a refabulação produzida pelo aluno em referência. Os resultados alcançados permitiram constatar que a produção textual – a refabulação dos alunos – foi receptiva, mediante a produção, porém, em algumas produções, constatou-se um comprometimento da compreensão leitora. Para superar essas dificuldades apresentadas pelos alunos, optou-se em realizar atividades com sequências didáticas utilizando gêneros textuais com mais frequência em sala de aula.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Compreensão leitora. Refabulação. Proposta de Intervenção.

## **ABSTRACT**

The research paper was developed within the scope of the Municipal School of Elementary Education Deputy Egidio Madruga linked to the Municipal Secretariat of Santa Rita. Its general objective was to analyze the reading practices and the productions of the fable text and to present a contribution to the formation of the reading competence of the students. As an activity, a Didactic Sequence was elaborated and applied with the purpose of diagnosing the difficulties of readings presented by the participants, one of the activities is centered in the process of rewriting a fable, through written production and/or with images. The discussions that permeated the activities of reading, of student production, started from the assumptions grounded, basically in: Koch and Elias, (2006); of the writers of fables Lobato, (1994); Fernandes, (2003), Schuler (2004). Before the application phase and experience of the Didactic Sequence, the participating students produced the text (Rewriting of a fable) whose production subsidized the analysis of the reading comprehension and the rewriting of a fable produced by the student in reference. The results obtained allowed to verify that the textual production - the rewriting of a fable by the students - was receptive, through the production, however, in some productions, there was a commitment of the reading comprehension. To overcome these difficulties presented by the students, we chose to carry out activities with didactic sequences using textual genres more frequently in the classroom.

**Keywords:** Children's Literature. Reading comprehension. Rewriting of a fable. Intervention proposal.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1 AS FÁBULAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS</b> .....	94
1.1. A FÁBULA BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR .....	98
1.2. LEITURA CRÍTICA E REFLEXIVA .....	20
1.3. A FÁBULA NO DISCURSO NARRATIVO.....	21
<b>CAPÍTULO 2 A FORMAÇÃO LEITORA</b> .....	24
2.1. IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA .....	24
2.2. A FORMAÇÃO DO LEITOR EM PAUTA .....	26
2.3. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA .....	30
<b>CAPÍTULO 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	34
<b>CAPÍTULO 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>ANEXOS</b> .....	64
<b>APÊNDICES</b> .....	77

## INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios da escola contemporânea é formar leitores de textos diversos para atender não apenas as demandas da escola, mas as necessidades que emanam das práticas sociais. Além disso, os atuais paradigmas educacionais apontam para uma concepção de ensino que considera as condições sociais de leitura. No entanto, a concepção de ensino de Língua Portuguesa, na maioria das escolas, apresenta-se ainda presa ao sistema tradicional de ensino, visto que o ensino e as práticas de leitura, em grande parte, encontram-se limitados às atividades descontextualizadas do contexto social.

Esse trabalho tem a preocupação de trabalhar a Fábula<sup>1</sup> com os alunos do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, com vistas a viabilizar o acesso à leitura, para que a construção de formação da competência leitora dos alunos e a sua prática em sala de aula possibilite como resultado o desenvolvimento e a melhoria da aprendizagem de outros conteúdos curriculares. Para isso, constará na composição desta proposta, um plano pedagógico, de cunho interventivo, cujas propostas de atividades são pontos de partidas e de chegada para discussão e análise.

O gênero textual Fábula, sendo um texto curto, e por apresentar uma leitura prazerosa, tem sido viável como uma opção de texto a ser trabalhado no espaço escolar, como prática constante na vida acadêmica e profissional desses discentes, o que contribui como um exercício importante para a melhoria na leitura, considerando o fato de que a autora desse estudo fazia a sua graduação em Letras, e sentiu o desejo de trabalhar com o Ensino Fundamental, Anos Iniciais; e, ao desenvolver seus primeiros contatos com as crianças, observou o interesse das crianças pelas histórias, como também, o quanto os discentes se encantavam pelos personagens de animais e pela subjetividade que há nas entrelinhas contidas na Fábula, levando essas crianças a lerem com mais frequência e motivação esse gênero textual na aula.

---

<sup>1</sup> É uma pequena narrativa popular cujos personagens, geralmente animais, falam, pensam, e agem como seres humanos e retratam lições de moral chamando a atenção para a maneira de agir e de pensar do homem (MACHADO; FRANZ, 2006).

Como professora de Língua Portuguesa, percebi as inúmeras e diversificadas dificuldades dos alunos, com relação à leitura e à escrita, as quais foram detectadas com a prática de leitura, especialmente, entre os alunos que não tinham o hábito da leitura. Com isso, adveio, o interesse do pesquisador pelo uso da Fábula, primeiramente, pela inquietação, enquanto atuava na escola, onde se desenvolveram atividades docentes – ao perceber a dificuldade que as crianças têm, com relação à leitura. Segundo motivo da escolha, ao desenvolver algumas práticas educativas de leitura com o uso das Fábulas, observou-se a possibilidade de leitura que esse gênero desperta, circunstancialmente, o interesse daquelas crianças para a leitura. E assim, surgiu a motivação exacerbada para realizar esse trabalho de investigação teórico-prático.

Além de destacar a relevância do trabalho com Fábula, buscou-se expor algumas concepções e esclarecimentos sobre o gênero, como surgiu, e, com o uso desse gênero textual, poderá auxiliar no processo educativo dos alunos. Nesse sentido, esse estudo possibilitará um trabalho de leitura com refabulação das Fábulas: “A Cigarra e a Formiga” de La Fontaine, traduzida por Bocage e adaptada por Miguel Torga; e “A Cigarra e a Formiga Má” de Monteiro Lobato.

A unidade escolar é um ambiente em que a leitura e escrita possibilita a construção e a reconstrução do conhecimento. É por meio dessa leitura e da escrita que a criança irá descobrindo saberes diversos, o que lhe proporcionará fazer o uso solene da leitura e da escrita para compreender e ser compreendida no espaço em que vive. Ao descobrir novas formas de aprendizagem, novos saberes, boas práticas sociais, e de responsabilidades educacionais, o educador passa a ser mediador entre o letramento e o processo de alfabetização contínua, cujo avanço dar-se a partir de perspectivas de leitura crítica e reflexiva quando oportuniza as crianças em formação cidadã atuar em sociedade.

A utilização do gênero textual Fábula no ambiente escolar proporciona não só um trabalho voltado para o estudo do cunho ético e social como objetivo principal, mas, por ser um texto que instrui e diverte, provoca reflexões, discussões e humor entre os leitores.

Quanto ao objetivo geral deste trabalho, analisar as práticas de leitura e a reescrita da Fábula com a intenção de apresentar uma contribuição de ensino aprendizagem com Fábula para a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Para alcançar tal objetivo, foram delineados os seguintes objetivos específicos, quanto ao trabalho: a) investigar as práticas de leitura de Fábulas para uma produção escrita: a refabulação; b) apresentar uma proposta de trabalho interventiva para trabalhar a formação leitora dos Alunos do Ensino Fundamental I; quanto à proposta pedagógica: c) investigar a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental I, através de atividades pedagógicas, com Fábulas; d) promover uma situação de produção textual: a refabulação das Fábulas discutidas, seguida de uma reflexão da moral<sup>2</sup> transmitida pelas Fábulas ali trabalhadas.

No decorrer do estudo, será aplicada uma Sequência Didática, cujas atividades se constituirão da apresentação do gênero textual Fábula, da leitura individual dos alunos e a produção textual através da refabulação.

Como questão norteadora do trabalho para o desenvolvimento da pesquisa: *qual a contribuição da Fábula para o processo da formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental serie iniciais.*

O trabalho toma como proposição inicial para tal investigação é que: ao tomar as Fábulas, como práticas pedagógicas, entende-se que esses textos contribuirão para a formação leitora e o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo das crianças. E quanto aos pressupostos teóricos, considerando a formação leitora dos alunos para uma produção escrita, fundamentam-se, basicamente nos estudos de Marcuschi, (2003); Kock e Elias, (2006); e nos fabulistas brasileiros Monteiro Lobato, (1994), Millor Fernandes, (2003), Schuler, (2004); além de fabulista francês LA Fontaine, (2002). Para tratar das atividades, considerando o espaço dos saberes relacionado ao tema, destacam-se o trabalho do método das Fábulas: uma versão pictórica Cunha; Werlang; Oliveira, (1989); as práticas do Cotidiano escolar, quanto à formação do aluno leitor, para desenvolver os saberes sociais, por Fonseca; Santos E

---

<sup>2</sup> O significado da moral nas Fábulas é quando esta transmite a crítica e ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato (GÓES, 1991, p. 144).

Alves, (2003); Quanto ao processo de refabulação, a partir do gênero textual Fábula: Gago; Vieira, (2010); a Literatura Infantil no processo de formação de leitor Paiva; Oliveira, (2010); dos Eventos Literários e formação de leitor Pina, (2008); Fábulas na sala de aula: motivando a leitura Silva, (2013) e, o aprendizado da leitura e consciência linguística, por Pereira,( 2010).

Quanto à Metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa-ação realizada na Escola Municipal Egídio Madruga, localizada na cidade de Santa Rita-PB, com 16 alunos do Ensino Fundamental, Anos inicial. Nessa escola, foi proposta uma intervenção, por meio de uma Sequência Didática<sup>3</sup>, levando em consideração as seguintes etapas: a) apresentação prévia do gênero textual Fábula pela professora; b) estratégias de leitura individual das Fábulas: A Cigarra e a Formiga e A Formiga Má, c) apresentar características desse gênero textual, d) Verificar das dificuldades de leitura por parte dos alunos, através de uma socialização oral dos conhecimentos prévios sobre as Fábulas apresentadas e escolhidas para aquela atividade, e) numa roda de conversa, destacarem a “moral” trazida por cada Fábula apresentada para que os alunos compartilhem uns com os outros a moral de cada Fábula.

No desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a metodologia do tipo descritiva, com o intuito de observar fenômenos, tais como se produzem em seu contexto natural, para depois analisá-los. A análise de conteúdo e a discussão foram feitas mediante a produção d; uma discussão do ensino o aluno, cujo texto Refabulação se apresentou: ora escrita, ora escrita e ilustrativa, e ainda só ilustrativa, a depender do grau de letramento do aluno, quanto ao nível de alfabetiação.

A pesquisa está organizada das seguintes partes: a primeira parte apresentará a Introdução da proposta de trabalho; a segunda tratará do marco teórico da pesquisa, apresentando os conceitos relevantes sobre gênero textuais, especificando as Fábulas e as perspectivas teóricas de leitura sobre a Fábula brasileira no contexto escolar, com enfoque na leitura crítica e reflexiva. Procurou-se enfatizar a Fábula no discurso narrativo, a formação leitora, a importância do desenvolvimento da leitura, as dificuldades de aprendizagem da

---

<sup>3</sup> É um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (DOLZ, 2004, p.97).

leitura e causas que interferem no processo de aprendizagem. A terceira parte descreverá a metodologia utilizada, as informações coletadas durante o trabalho de campo, apresentando um breve histórico da estrutura do lugar, tipo e abordagem de estudo, população, amostra, instrumentos e técnica de coleta de dados da pesquisa. A quarta parte apresentará os resultados obtidos na pesquisa de campo, por meio de um projeto de intervenção com a aplicação de uma Sequencia Didática; e a quinta apresentará as Considerações Finais do estudo, por um olhar de um relato da experiência aqui apresentada.

A seguir, serão apresentadas perspectivas teóricas sobre as Fábulas, levar-se-á em consideração a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, para produzir uma escrita, especialmente uma refabulação, a partir das Fabulas apresentada para propor a atividade pedagógica. Nessa discussão, a importância que os PCN trazem para a diversidade textual para trabalhar a leitura e produção textual, pontuando as Fábulas, como recurso para atingir nosso objetivo precípua do trabalho em tela. Será também apresentada a Fábula brasileira como recurso pedagógico, considerando a concepção de leitura crítico-reflexivo das Fábulas, enquanto discurso narrativo, lúdico, que abordam questões sociais que proporcionarão a formação leitora desse aluno em foco.



## **CAPÍTULO 1 AS FÁBULAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Ao entrar no Ensino Fundamental Anos Iniciais, concernente à unidade escolar nutrir atividades de leitura, articulada em torno da produção e receptividade de textos orais, escritos a fim de que os alunos possam ampliar sua competência comunicativa. Nesse sentido, uma proposta de leitura com o recurso didático das Fábulas para a formação de princípios sociais das crianças, enfatizará a importância da transmissão da leitura, organização e reorganização de conhecimentos, advindos das Fábulas, promoverá uma formação cidadã, através de atitudes e princípios, refletidos no processo ensino aprendizagem de uma maneira significativa e prazerosa.

A Fábula promove uma leitura agradável para as crianças, e, de caráter lúdico, tem como dinâmica de narração personagens animais e pessoas como sujeitos sociais experienciando situações conflituosas que trazem temas (temas transversais) que precisam estar sendo discutido por esses leitores em formação, o que promove uma melhor recepção e envolve a criança na questão proposta na história narrada. Diante da leitura e discussão da Fábula, o aluno observará essa característica nas Fábulas, e, com isso, o professor poderá desenvolver uma atividade em que os alunos pudessem ir além da compreensão de leitura e cheguem ao processo de interpretação. Ao fazer a refabulação das Fábulas lidas, vivenciadas na leitura, as crianças discutirão para chegar à moral da Fábula lida e da Fábula refabulada, além do trabalho com a produção textual escrita.

A envoltura dos alunos com a leitura desse gênero textual, que se apresenta pela linguagem verbal escrita e não verbal, as imagens ilustrativas, através de ilustrações pictóricas para complementarem o entendimento da questão apontada no texto, (promove discussões entre os colegas sobre as Fábulas escolhidas). Esse gênero suscita discussões interativas entre os alunos, além da extensão dessa discussão, fora da escola sobre a temática das Fábulas escolhidas. Essa interação reflexiva oportuniza motivação para que essa prática interativa pedagógica, movida pelo processo pedagógico, leve os alunos não só o entendimento do texto, mas aguça a criatividade de (re)criação e de entendimento das mensagens deixadas pelas Fábulas, conforme estarão descritas na produção de refabulação.

Levar em consideração esse gênero textual para o trabalho com os alunos não só os estimulam a desenvolver a sua imaginação e criticidade, como também os familiarizam com as situações sociais em que a Fábula traz em sua mensagem moral, conforme a moral exposta ou não a ser refletida e vivenciada em sala de aula pelos professores através da estratégia dialógica professor-aluno, aluno-aluno, aluno e mundo.

As Fábulas, por trazerem, em suas narrativas, mensagens que levam os alunos a desadormecer sua inventividade e engenhosidade, contribuem, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, p.42) para o aluno experimentar e compreender [...] os textos que circulam socialmente cumprem um papel mobilizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. Ainda, segundo os mesmos PCN, “a diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno”. (BRASIL, 1998, p. 34), no caso, aqui se tomou a Fábula brasileira para a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Com base nos entendimentos dos PCN, a leitura deve ser incentivada.

Quando afirmam a valorização da leitura como formas de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos (a exemplo das Fábulas) em função de diferentes objetivos (BRASIL, 1998, p.33).

Ainda, com relação à contribuição que as Fábulas trazem de um possível entendimento dos acontecimentos do dia a dia e de como lidar com elas, destacam-se dos PCN que,

[...] a valorização da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário. (BRASIL, 1998, p.33).

E, com relação à prática da leitura, os PCN (BRASIL, 1998, p.82), ressaltam a utilização de diferentes modalidades de leitura adequadas a diferentes objetivos: [...] ler para revisar, ler para obter informações e, no caso do uso das Fábulas, ler por prazer, ler para interpretar o que compreendeu e ler para contar a moral da história.

Esses próprios PCN não são usados apropriadamente ao referir-se ao gênero, haja vista a multiplicidade de gêneros existentes e, diante da

necessidade de escolhermos (o gênero Fábula), perguntamos: *qual ou qual gênero(s) será (ão) mais ideal (ais) para trabalharmos em sala de aula?* Marcuschi (2013) sugere que não há uma resposta consensual e que as sequências didáticas direcionam melhor tal decisão, pois os PCN ainda trazem uma visão muito redutora, às vezes vagas e não se faz uma distinção sistemática entre tipos e gêneros. .

De acordo com Marcuschi (2013), o estudo de gêneros textuais se tornou na atualidade uma fértil área interdisciplinar, com contribuições especiais para a linguagem em funcionamento e para quaisquer atividades culturais e sociais. Acerca do texto em práticas social, podemos tomar os estudos de Bakthin (1979), quando nos mostra que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados, orais ou escritos, “concretos e únicos que, emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (p.279). Através dessa ideia concebida por Bakhtin que concorremos para a união de gênero Fábula ao seu envolvimento social, ou seja, não se pode negar ou não tratar do gênero de discurso independentemente de sua realidade social ou de sua relação com alguma atividade humana.

Ao levarmos em consideração o papel dos textos, ou seja, o papel atividade do professor no emprego de textos, os PCN defendem que a Fábula permite não apenas o evidente ganho com o trabalho oral e de escrita, mas também possibilitará ao aluno "aprendizagens" que dificilmente ocorrerão por instrução direta, mas que, por sua forma didática de ensinar, mostra um perfil de indivíduo social, precisando estar presente para que os conteúdos de ensino tenham validação social.

Segundo Abramovich,

[...] ouvir ou ler histórias é uma possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem e atravessam ao longo da vida (ABRAMOVICH, 1991, p.162).

Considerando o interesse em estudar e em incentivar a leitura crítico-reflexivo com as crianças do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, é que concordamos com essa autora acima citada. É por meio de uma atividade afável de leitura ou de ouvir histórias, a exemplo das Fábulas, é que se podem

atinar outros lugares, outros tempos, outros modos de agir, de pensar e ser é que a torna público.

A resistência das Fábulas, através dos tempos, em cuja presença vive entre as diferentes culturas, tanto ocidentais como orientais, o que nos mostra é que o uso da Fábula se caracteriza, segundo Coelho (2002) se deve ao fato de, por ser uma “simples narrativa” curta, como um caminho para entender os fatos sociais e o perfil daqueles que estão em classes diferentes. É exatamente da prática da Fábula que vem este costume de querer buscar um esclarecimento ou uma causa para os fatos que se sucedem na vida, ou tentar tirar delas alguma instrução útil, alguma lição prática.

No tocante à moral nas Fábulas, Góes afirma:

[...] a moral contida nas Fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias (GÓES, 1991, p. 144).

É relevante se indagar ao trabalhar a Fábula com nossos leitores em formação, *o que esse gênero acrescenta aos alunos para compreender a realidade social?* Para responder essa questão, tomamos o trabalho de Coelho (2002), quando coloca que o aluno interpreta e reconhece uma Fábula, isso lhe possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos; a) um, em que concluem o entendimento de situações humanas fundamentais; e b) outro, em que a verdade abre seus olhos para o real, mesmo que seja desconfortável esse lado da vida.

Os valores humanos são questões trabalhadas em sala de aula, através das Fábulas. Tais valores estão vivos e presentes no pensamento humano, a todo o momento, determinando o comportamento e orientando a inteligência e a criatividade. Sabe-se que as primeiras notícias que se têm da Fábula surgiram no século VI A.C., através de um “suposto” escravo grego Esopo, de quem dizem ter transmitido suas histórias de forma oral. Já no século I A.C., aproximadamente, Fedro, um escravo romano, aperfeiçoou esse gênero. Já no século XVII, surge o fabulista francês La Fontaine, que retoma algumas Fábulas antigas e cria as suas também (LIMA; ROSA, 2012).

Segundo Coelho,

[...] mesmo que as personagens sejam animais, como ocorrem muitas vezes, elas representam emoções e sentimentos humanos, servindo para divertir e educar. Além de contar uma história, apresenta um ensinamento, procurando alertar os homens a pensar antes de agir, a fazer amigos, a evitar inimigos, a defender-se, tentando reconhecer a esperteza dos outros que julgam ser mais sabidos e fortes (COELHO, 2002p. 166).

Outra característica importante desse gênero, ainda, segundo Coelho é: [...] sua resistência através dos tempos e sua presença entre diferentes culturas, tanto ocidentais como orientais, tem mostrado que o uso da Fábula se caracteriza como um instrumento de poder. (COELHO, 2002, p.167).

No Brasil, a Fábula teve início com Monteiro Lobato. Conforme Lima e Rosa (2012), Lobato produzia uma estória de forma inteligente e educativa num conjunto de sensibilidade, ingenuidade, humildade, amor, obediência e outros atributos para o bom caráter de uma criança, como mostra a obra *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Para Lobato, o desenvolvimento de personagens de cada estória foi reescrita inspirada nas Fábulas de Esopo e de La Fontaine, cujo processo de retomada desse Gênero, conforme alguns estudiosos, a exemplo de Miguel Torga, tomam-no como Refabulação.

Destacam-se aqui algumas características do Estilo Composicional das Fábulas: tempo e espaço não definido; título atrativo; personificação de animais que representam o comportamento humano; linguagem mais rebuscada; crítica aos comportamentos inaceitáveis sob o ponto de vista moral; narrada na terceira pessoa e presença de discurso direto.

### 1.1. ENSINO DE LEITURA: A FÁBULA BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR

A utilização do gênero textual Fábula em sala de aula poderá ser um importante aliado, tanto para o plano pedagógico como para o ensino de língua oral, em especial a formação leitora, objeto dessa pesquisa, como também, propor um trabalho pedagógico por uma perspectiva sociológica, oportunizando as crianças a descobrirem ou re(des)velarem o que está por trás de cada Fábula. Para isso, considera-se importante nesse percurso teórico, trazer uma definição de Fábula mais abrangente, a exemplo de Barsa, 2001, quando afirma que Fábula:

[...] é uma narração alegórica, quase sempre em versos, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. “Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas, sim, de promover uma crença na realidade dos acontecimentos” (BARSA, 2001, p. 178).

Podem-se utilizar as Fábulas como recurso didático para a formação de valores nas crianças, com ênfase em construção e a reconstrução de conhecimentos, formação de atitudes e valores, através do processo ensino e aprendizagem de uma maneira significativa e prazerosa.

De acordo com Coelho (2000), a Fábula [...] é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade (p. 165). (Grifos da autora). Ao que parece, a Fábula é uma narração em prosa destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de uma forma agradável, uma verdade que, de outra forma se tornaria talvez muito difícil de ser assimilada pelas crianças. Por isso, a leitura e a/com discussão acerca da moral, que é o fim, e o meio, (destacada na Metodologia desse trabalho) deve entrar na composição de uma Fábula, numa justa proporção.

Ao me deparar com as indagações: o que é ler? Para que ler? Como ler? Evidentemente não se chegaria a um consenso, pois existirão diferentes respostas, as quais revelariam uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que seja adotado. Pensando nessas questões, concordamos com Koch, quando ela afirma:

[...] a concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e é construído no texto, considerado o próprio lugar da interação e da construção dos interlocutores (KOCH, 2014, p. 10).

Nessa concepção de língua, percebe-se que o sentido de um texto é (co)construído na interação texto→sujeito. A leitura nessa concepção é, pois, uma atividade interativa complexa de produção de sentidos, baseada nos elementos linguísticos (próprio do gênero em estudo: as Fábulas). Para essa situação, defendemos a leitura como uma produção de sentido e de conhecimento quando falamos de um sentido para o texto, não do sentido, visto que, quando trabalhamos com as Fábulas como proposta pedagógica,

ativamos o lugar social, as vivências, as relações com o outro e os valores de cada aluno/a.

Vale a pena trazer as ideias de Solé (1998) quando aponta os múltiplos desafios enfrentados pela escola inerentes à leitura, cuja prática deve ser levada em consideração quando a leitura seja uma atividade de conhecimento, como também um meio para a realização de aprendizagens. Essa mesma autora afirma que:

[...] considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceptualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelos professores, pelo papel que ocupa no Projeto Curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la (SOLÉ, p.33).

Ao refletir sobre afirmação de Solé (1998) de que a leitura é considerada uma estratégia de conhecimento, seu tratamento na escola não seria tão amplo como esperamos que fosse. Muitas vezes, a instrução explícita limita-se ao domínio das habilidades de decodificação, levando os professores, nesse caso, a fomentar estratégias de compreensão do texto lido, para que os alunos possam assim, adquirir uma aprendizagem significativa, dessa forma não se conseguiria uma formação leitora efetiva caso não levasse em consideração, dentre outras coisas, as propostas metodológicas utilizadas pelo professor.

## 1.2. LEITURA CRÍTICO E REFLEXIVO

A Fábula, enquanto gênero discursivo, na perspectiva crítico-refletivo, além de apresentar as características de animais agindo como seres humanos, apresenta uma moralidade. Partindo-se dessa ideia, pode-se destacar que, no decorrer dos tempos, a Fábula se apresentou como uma “porta voz” de ideologias. Se Esopo a utilizou para alertar aos que estavam na mesma condição dele, escravo; assim também o Estado se apropriou desse gênero para difundir suas crenças por meio de aparelhos ideológicos. A exemplo disso, temos: A Cigarra e a Formiga de La Fontaine; e A Cigarra e a Formiga Má de Monteiro Lobato<sup>4</sup>

Como exemplo:

---

<sup>4</sup> Monteiro Lobato

<b>CONTEXTO</b>	<b>CRÍTICA</b>	<b>EXEMPLO</b>
<b>Sócio histórico</b>	A importância das Fábulas ao longo da história.	Verificação do processo histórico e as suas mudanças.
<b>Socioeconômico</b>	O interesse por trás dessa comercialização.	A lucratividade exagerada na comercialização dos gêneros textuais.
<b>Social</b>	Um questionamento: Será que todas as pessoas possuem as mesmas condições sociais?	A pouca acessibilidade aos livros, jornais e revistas.
<b>Sociopolítico</b>	As Fábulas podem retratar contextos políticos.	A situação de uma cidade, um país, ou mesmo uma comunidade.
<b>Sociocultural</b>	Por meio das Fábulas é possível compreender a cultura de um novo povo	O conhecimento cultural de um povo e o que nos diferencia enquanto cultura.
<b>Social-político-ideológico</b>	As Fábulas podem retratar a ideologia da dominação social	Da classe dominante sobre a classe dominada
<b>Educacional</b>	A importância das Fábulas no contexto escolar	O uso das Fábulas como prática pedagógica na formação leitora
<b>Prática social</b>	As Fábulas podem ser utilizadas na vida cotidiana das pessoas individualmente e coletivamente	A inclusão e/ou exclusão social

**Quadro 1: Refletindo os aspectos discursivos e textuais do gênero Fábula** (Elaboração própria)

O quadro acima dá uma ideia do quanto as Fábulas poderão ser utilizadas e identificadas em nossa sociedade. Dessa forma, a sua utilização nos diversos espaços sociopolíticos educacionais poderão oportunizar os alunos a compreender o mundo ao seu redor e despertar o senso crítico, em relação questão tematizada no texto.

### 1.3. A FÁBULA NO DISCURSO NARRATIVO

Com relação ao uso das Fábulas no Ensino Fundamental I, Anos Iniciais, destacamos a definição dada por Dezotti (2003) à Fábula [...] é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, a Fábula constitui um modo poético em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer (DEZOTTI, 2003 p. 32).

O estudo da temática dessa pesquisa por meio da análise do texto fabular torna-se significativo, na medida em que esse gênero é proveniente da tradição oral. As narrativas orais partiam de experiências do cotidiano e tinham a finalidade de entretenimento ou admoestação. Não tinham um autor específico e eram criações do imaginário coletivo (MACHADO, 1994). De

cunho popular, circulavam entre o povo e tratavam de assuntos pertinentes a esse universo.

A presença dessa temática com o uso do texto fabular coincide com o surgimento do gênero. Essa temática tem sido encontrada já nos primeiros registros das narrativas orais. As Fábulas “A cigarra e a formiga” e “A Cigarra e a Formiga Má”, dos autores La Fontaine e Monteiro Lobato, são dois exemplos das muitas outras que tratam da atividade do trabalho.

#### Fábula “A Cigarra e a Formiga Má” (Monteiro Lobato)

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique... Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

– Eu cantava, bem sabe...

– Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

#### FÁBULA “A CIGARRA E A FORMIGA”

##### **A Cigarra e a Formiga**

Tendo a cigarra, em cantigas,  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penúria extrema,  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

– Amiga – diz a cigarra  
 – Prometo, à fé de animal,  
 Pagar-vos, antes de Agosto,  
 Os juro e o principal.

A formiga nunca empresta,  
 Nunca dá; por isso, junta.  
 – No verão, em que lidavas?  
 – À pedinte, ela pergunta.

Responde a outra: – Eu cantava  
 Noite e dia, a toda a hora.  
 – Oh! Bravo! – torna a formiga  
 – Cantavas? Pois dança agora!

(La Fontaine)

Essa Fábula A cigarra e a Formiga traz a estória de duas personagens: a cigarra e a formiga. A cigarra passa o verão cantando; enquanto que a formiga se dedica à colheita de suprimento alimentar para a garantia de sua sobrevivência no inverno. Com a chegada da estação fria, a cigarra se vê desprovida de alimento e vai, então, ao encontro da formiga, em busca de socorro.

A partir dos estudos de Dezotti (2003), percebe-se que é essa vinculação que obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa, mas também interpretá-la. A Fábula, quando analisada, considerando a sua instância de enunciação observa-se que ela é um discurso, um ato de fala, que se realiza pela articulação de três discursos.

Conforme Dezotti (2003), esses discursos são narrativo, interpretativo ou moral e um metalinguístico. Tratando-se da questão moral das Fábulas, destacamos Goes (1991) quando defende a ideia de que a Fábula servia, inicialmente, para distrair e moralizar, pois as pessoas poderiam facilmente acreditar em determinados valores que eram considerados aceitos, como ainda é percebido nos dias atuais por pais e professores que contam essas histórias com a finalidade de entreter, de educar, de construir princípios e perpetuar valores. É justamente da tradição da Fábula que vem este hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem na vida, ou tentar tirar delas algum ensinamento útil, alguma lição prática.

Assim, concordamos com Góes, quando diz:

[...] a moral contida nas Fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma

impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias (GOES, 1991, p. 144).

Com Goes, o uso das Fábulas permite essa necessidade de desenvolver criticidade no aluno e, conseqüentemente, poderá ser uma prática pedagógica indispensável no processo ensino aprendizagem. Uma vez que os alunos compreendem e reconhecem a Fábula, isso lhes possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos: eles concluem o entendimento de situações humanas fundamentais; e o outro, o conhecimento abre seus olhos para o real, muitas vezes, um desconfortável lado da vida.

## **CAPÍTULO 2 A FORMAÇÃO LEITORA: A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA**

A leitura é um ato de compreensão da vida, é um instrumento que propicia o contato a distância com outras pessoas, grupos e povos e o conhecimento acerca do homem e do mundo. A leitura se justifica, na medida em que orienta para um conhecimento mais profundo da realidade.

A leitura tem sido ao longo da História, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para expressão, criação e recriação desse conhecimento. O conhecimento e o prazer fundem-se na leitura, impelindo o homem ao equilíbrio psicológico, à aprendizagem da vida e à busca incessante. Lidando com o imaginário e trabalhando com a emoção, a leitura satisfaz a necessidade lúdica e a busca de prazer (KLINE, 1994, p 72.).

No âmbito histórico e cultural, a educação ocorre devido às inter-relações do indivíduo com seu grupo social culturalmente estruturado. Devido à necessidade de comunicar-se e relacionar-se, o ser humano desenvolve a linguagem, ultrapassando os seus próprios alcances e, de tal modo, propiciando a envergadura de generalização e abstração do mundo a sua volta. A linguagem permite ao homem codificar e decodificar. Essa habilidade de representação dos objetos em signos e decodificá-los faz com que ele supere sua consciência sensível e passe para a consciência racional. Todo esse desenvolvimento se dá por meio do trabalho constante no decorrer da sua vida.

A leitura é atividade ligada à escrita, tendo como propósito primordial sua compreensão. Ler não é apenas decodificar, é também conceder sentido ao texto, é compreender, interpretar e saber fazer vínculo com a vida. Sendo a leitura muito importante e imprescindível na vida de uma pessoa, é necessário o acesso a esse universo. Cabe aos docentes de Língua Portuguesa oportunizar diferentes leituras aos educandos e, assim, cambiar uma ampla rede de relações de indivíduos que buscam no universo da leitura o gosto, o aprendizado e a criação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes. É relevante que criem diferentes conjunturas para levar os seus alunos a gostar de ler. Tarefa árdua, mas estudos apresentam que é possível explorar esse universo e torna-lo vistoso nas escolas com diferentes textos que usamos no dia a dia.

O que caracteriza o leitor moderno é a flexibilização no ato de ler, marcada pela capacidade de empregar uma ou mais estratégias de leitura, de maneira a atender melhor uma variedade de objetos diante de diferentes gêneros de textos. Ler constitui, antes de tudo, uma forma de comunicação. A leitura envolve atividades muito diversificadas devido à variação que se registra na intervenção dos diversos fatores da própria comunicação. A leitura constitui um processo adaptativo e flexível, variando com a espécie de texto e os objetivos do leitor, não cabendo, por isso, num único modelo teórico.

É necessário refletir que se não existe apenas um processo de leitura, também não pode existir apenas um modelo de leitura.

A leitura é um processo de criação e descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor. O escritor, por trabalhar duplamente a linguagem e os aspectos da vida social, entrelaçando-os na imaginação, faz ver, ilumina, conduz o seu leitor a esferas mais amplas e profundas de percepção. Nesse sentido, a boa leitura é aquela que gera conhecimentos, molda atitudes e incute valores, aguçando os moldes de perceber e sentir a vida por parte do leitor (SILVA, 1995, 63).

Quando o leitor se apoia somente na informação visual, a leitura se torna um ato difícil, ficando sem base para informações não visuais. A leitura é uma ação de imputação de significado a um texto. Esta imputação de significados depende do que o leitor já aprecia sobre o assunto, das informações não visuais de que dispõe e do seu interesse.

A leitura não compõe um processo passivo, assenta-se como descoberta, recriação e produção, supondo sempre o trabalho do sujeito-leitor. Se o texto estiver inserido dentro de critérios de ampliação do conhecimento da realidade, o leitor, além de partilhar e recriar referenciais de mundo transforma-se em um produtor de acontecimentos, em função do estímulo à compreensão e à crítica. Portanto, ler é um modo não só de conhecer, mas também de praticar a cultura.

Por meio da leitura, o leitor aprenderá a mudar a si mesmo e, nessa mudança, aprende a situação que pode conhecer a priori.

A leitura pode ser concebida como um processo psicológico, que objetiva essencialmente a reconstrução de significados veiculados através de um texto escrito. Baseia-se no conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico do leitor, exige operações, cognitivas de ordem superior, tais como: interferências, analogias, evocações, análise e sínteses (DANTAS, 1995, p. 36).

Pode-se compreender que esse processo psicológico reconstruiu os significados através dos textos escritos advindas do conhecimento da língua, dos aspectos socioculturais e conhecimento de mundo do leitor, tornando-se assim, a leitura um processo ativo em que o aluno seja considerado ativo e protagonista do processo.

## 2.1 A FORMAÇÃO DO LEITOR EM PAUTA

Com base nos estudos de Dantas (1995), a formação leitora da criança inicia-se no seio familiar e perpassa em longo prazo, tendo mediadores como: bibliotecários, professores e, no caso específico refletido no âmbito familiar. É por meio da leitura que se encontra a possibilidade de instrução, educação e também diversão. Esse leitor deve ser assimilado como sendo aquele que estipula uma relação aprofundada com a linguagem e as significações, pois os leitores, aquele que se elencam de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho fundado.

O mesmo Dantas nos mostra que o leitor ao se formar no âmbito familiar, como se verificou anteriormente, se mostra diferente, em termos de perfil, daquele que tem contato com a leitura apenas na escola. Pela facilidade e familiaridade com as palavras, com o alfabeto, com a escrita e com a própria leitura torna-se mais fácil e recorrente termos novos leitores que se estenderão por toda a caminhada literária. A facilidade e a familiaridade com as palavras advêm das relações estabelecidas nessa pretensa comunidade de leitores.

No entendimento de Luckesi, o leitor poderá ser um sujeito ou objeto da leitura, sendo que esse processo dependerá da postura crítica ou acrítica que assuma frente ao texto sobre o qual processa o seu ato de estudar. Será sujeito da leitura aquele que, ao invés de só reter a informação, fizer o esforço de compreensão da mensagem, verificando se expressar e elucidar a realidade, em suas características específicas. Para Luckesi (1989), o sujeito da leitura deve estar atento a três pontos fundamentais: a) ter o objetivo de compreender e não memorizar a mensagem; b) ter como atitude básica a postura de avaliar o que lê, tendo como critério de julgamento a compatibilidade da expressão com a realidade expressada; e c) ter uma atitude

de constante questionamento de pesquisa, de busca, de diálogo com o autor do texto.

Esse leitor sujeito, através dos processos de compreensão, avaliação e questionamento do lido, estará capacitado para criar e transmitir novas mensagens, que se apresentarão como novas compreensões da realidade, garantindo o processo de multiplicação e ampliação da cultura. Esse leitor cria novas interpretações da realidade, dando-lhe novos sentidos. Não só recebe mensagens, como também as cria e as transmite com nova vida, com nova dimensão (LUCKESI, 1989, p.58).

A escola, em geral, não tem colaborado no encaminhamento dos jovens para leitura. As atividades de leitura, nas escolas, estão relacionadas à cópia e à memorização. É a escola que define, de antemão, o sentido que deve ser fornecido pelos alunos, a partir da apreciação de um texto. A compreensão e a interpretação já vêm prontas e acabadas, cabe ao leitor apenas imitá-las para efeito de avaliação.

Os professores precisam adotar uma prática de leitura que contemple suas expectativas, baseados numa pedagogia de leitura. Com isso, deve-se fazer uma reflexão crítica sobre falsos pressupostos a propósito da leitura e questionar a maneira pela qual os textos acadêmicos são introduzidos e trabalhados na prática pedagógica.

Se o professor não souber apresentar o texto ao aluno, pode desestimular a leitura do jovem para sempre. É preciso contextualizar e explicar os elementos intrínsecos de linguagem dos autores e seus respectivos textos, mas não se pode perder de vista a necessidade de que ofereçam algo novo ao aluno (LAJOLO: 1996 p.76).

Proporcionar a prática da leitura é uma responsabilidade de todos os professores de uma escola. Para superar a crise da leitura, é preciso pensar e colocar na prática os centros de interesses, a interdisciplinaridade, a construção coletiva do conhecimento, a integração, a sequenciação e a unidade curricular.

Considerando os vários aspectos supracitados anteriormente, faz-se necessária uma ponderação sobre as possibilidades de propiciar a praxe da leitura e sua compreensão entre os professores, para que os mesmos se tornem leitores e assumam o verdadeiro papel de formadores de leitores e de modelos para seus alunos. É preciso fornecer condições para que os professores participem de Encontros, Cursos, Oficinas e tenham acesso às

novas descobertas dos pesquisadores sobre leitura, para que saibam utilizar, desenvolver e orientar a leitura compreensiva e não mecânica.

Para Witter (1999),

[...] a contínua evolução do conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem da leitura, seja com referência ao currículo, seja à metodologia, implica a necessidade de aperfeiçoamento por parte do professor.

A tarefa do professor é desenvolver estratégias de aproximação do aluno dos textos.

A flexibilização é a característica mais importante a ser desenvolvida no leitor e, portanto, todo programa de leitura deve ter componentes livres, determinados por escolhas pessoais em que o interessado possa ir à biblioteca e ler o que quiser, sem cobranças de nenhuma espécie. Em seguida, o leitor deve fazer escolhas, baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Por isso, é necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado (KLEIMAN, 2002, p.83).

Com Kleiman, concordamos que é preciso capacitar os professores para o uso de técnicas específicas, conforme a concepção de leitura adequada para se desenvolver a leitura e sua compreensão, sendo que, além da aprendizagem e aplicação das técnicas, é preciso estar atento aos fatores disponíveis existentes, constituídos pelos fatores biológicos e comportamentais, a composição e o estilo do gênero textual, os quais são relevantes tanto quanto o próprio material utilizado.

Com base na literatura estudada, a exemplo de Kleiman (2002), vimos que o escopo da leitura é o de desenvolver o contato com a experiência, com os valores, com a cultura, com a história, seja qual for a época em que ela se situa, o docente precisará dar continuidade aos estudos, não apenas para ficar atualizado quanto às modificações na área do conhecimento em que atua, mas buscando apoio dos estudiosos que estão presentes em grandes Fóruns para poder reconstruir constantemente a prática pedagógica, com total abertura para as transformações que se processam a cada momento.

Chegar a ser um leitor eficiente implica ter participado de um processo complexo o que também implica desenvolver habilidades cognitivas que capacitem a pessoa a compreender a mensagem expressa no texto. A esse respeito, Kleiman nos mostra que:

O ato de decodificar se constitui num processo muito diferente da leitura. Claro que o conhecimento da correspondência entre som e letra é necessário para a leitura. O leitor eficiente não decodifica, ele percebe as palavras globalmente e adivinha muitas outras, guiado pelo seu conhecimento prévio e por suas hipóteses de leitura (KLEIMAN, 2002, p.104).

O perfil de um bom leitor pressupõe os seguintes componentes: ler para atender a um propósito; interagir com o texto; compreender significativamente o conteúdo lido; saber buscar e selecionar informações; e assumir uma atitude crítica em relação ao texto lido.

Esse perfil de leitor, em formação, conforme a mesma Kleiman, se forma através de um processo contínuo, pelo qual vai se desenvolvendo, de forma encadeada um conjunto de sub-habilidades e de habilidades inerentes ao ato de ler. É importante considerar que o processo de formação do leitor eficiente pressupõe um procedimento único e contínuo, este procedimento divide-se em: pré-leitura, que é orientada basicamente para o exercício das sub-habilidades; e aquisição formal da leitura, que é orientada basicamente para as habilidades instrumentais. (KLEIMAN: 2002)

Diante do estudo, vimos que as habilidades instrumentais podem ser organizadas por nível de desempenho do leitor, mas isso não significa que devam ser exercitadas de forma sequencial. Ao contrário, deve propiciar um enfoque globalizado das habilidades correspondentes aos diferentes níveis, segundo o grau de escolaridade e condição sociocultural dos alunos. Tais As habilidades instrumentais são delineadas como: nível de decodificação; nível de compreensão literal; nível de compreensão independente; nível de leitura crítica. Nesse diapasão, a prática da leitura intensa na escola propicia a aproximação do leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de textos. E com isso, observamos em diversas situações: seja em Fórum de discussão de Leituras, seja em resultados avaliativos escolares, seja em críticas na Mídia educativa ou sociopolítica, que há grandes precariedades na formação de um leitor eficiente capaz de ter criticidade acerca do que ler e produz, seja como fala, seja como produção escrita em qualquer situação, além de observarmos a ojeriza a pratica leitora que lhe de uma geração de conhecimento mais cidadão. O contato com o texto, a proposta de desvendar a intenção do autor, faz com que o aluno

compreenda o funcionamento comunicativo da escrita ao produzir um texto para ser lido.

## 2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

Com base nos estudos Kleiman (2009), as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita são diversas podendo ser orgânicas que envolvem cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais, motoras e intelectuais, disfunção cerebral; psicológicas ligadas a desajustes emocionais, à ansiedade, à insegurança, à autoestima baixa. E quanto às dificuldades pedagógicas, relacionadas aos métodos inadequados de ensino, ao mau desenvolvimento dos pré-requisitos necessários para o processo de aprendizagem, a causa poderá estar no método usado pelo professor.

Vejam ainda a questão do atendimento nas classes entre outros fatores influentes no ensino aprendizagem; socioculturais, no que diz respeito à falta de estímulo por parte da família, e à privação cultural do meio em que vive à dislexia que é um distúrbio de aprendizagem na leitura que representa uma deficiência na capacidade de simbolizar. Tudo isso geralmente prejudica muito o desenvolvimento da criança por ter seu diagnóstico tardio.

Ainda com base na mesma Kleiman (2009), a maioria das crianças que apresenta distúrbios na aprendizagem normalmente é diagnosticada a partir do 2º Ano do Ensino Fundamental I, dificultando assim um trabalho focado em cima dessa deficiência apresentada pelo aluno, por exemplo, o disléxico. A esse respeito, Correia nos mostra que:

Dificuldade de aprendizagem específica significa uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na utilização da linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos. O tema inclui como problemas perspectivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento. O termo não engloba crianças que tem problemas de aprendizagem resultante de deficiências, visuais, auditivas, ou motoras, de deficiência mental, de perturbação emocional, ou de desenvolvimento ambientais, culturais ou econômicos, (CORREIA: 1991 p.162).

Com esse mesmo autor Correia (1991), compreendemos que apontar as causas que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita não é tarefa fácil, principalmente pela individualidade do ser humano, apesar de algumas causas serem comuns em quem apresenta dificuldade, ainda assim os sintomas podem ser muito particulares. Por esse motivo, é necessário estar sempre apreensivo, não só pela dificuldade em si, mas principalmente pelo caminho

encontrado para sua forma de tratamento e superação. Correia (1991) afirma que a criança que apresenta algumas dessas dificuldades geralmente é vista como “doente e/ou incapaz” e, muitas vezes, tendo esse diagnóstico errôneo, impedindo a criança ter a oportunidade do tratamento correto e, em consequência dessa falta, o impedimento de ter oportunidade de aprender e de permanecer na escola.

Em Correia (1991), tal estudo sobre a importância da leitura e sobre a concepção dos alunos, em relação a sua prática de leitora para uma produção textual, constitui-se, de certo modo em um termo de relevância social no sentido de desvendar os problemas que impedem o educando de gostar e conseqüentemente praticarem o ato da leitura.

Lajolo (2002, p.106) se refere a essa questão do seguinte modo “Mas ler, no entanto, é essencial”. E acrescenta que:

E não apenas para aqueles que almejam participar da produção cultural mais sofisticada, dos requintes da ciência e técnica, da filosofia e da arte literária. A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela. Assim no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar empregos através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial.

Ao mostrar que não há boas aprovações e bons rendimentos de aprendizagens por parte de nossos alunos, há também muitos registros de insucessos na área da aprendizagem, insucessos estes que vêm assombrando-nos desde tempos bem remotos.

Diante dessa questão, trazemos à pauta uma problemática levantada por David Asubel, Apud Joseph Novak qual o significado da palavra *Aprendizagem*? São várias as concepções acerca deste tema, porém podemos defini-la, à luz dos trabalhos de Asubel, como um processo evolutivo e constante, conjunto de modificações no comportamento do indivíduo. Aprendizagem é um fenômeno ou um método relacionado com o ato ou efeito de aprender, e quem aprendem modifica e quem se modifica acaba de certa forma agindo de acordo com os resultados daquelas aprendizagens. Aprender é um processo que se dá no decorrer da vida, permitindo-nos adquirir algo novo em qualquer idade. (CAMPOS 1979).

De acordo Campos,

A aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas, isto significa que aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes são aspectos necessários. (CAMPOS, 1979, p. 33)

No processo de aquisição da aprendizagem, são vários os fatores que devem fazer parte para que o novo conhecimento ocorra de forma eficaz, são elas: boa saúde física e mental, motivação, maturação, inteligência e afetividade. Quando há ausência de algum desses fatores ou até mesmo uma inadequação pedagógica, pode ocorrer uma dificuldade de aprendizagem.

O termo dificuldade de aprendizagem surgiu com uma primeira definição proposta por Kirk (1962) quando compreendeu que era bem evidente a ênfase dada à componente educacional e ao distanciamento, em termos biológicos, de outras problemáticas, tal como deficiência mental, privação cultural, entre outras. As dificuldades de aprendizagem resultam tanto de um funcionamento deficiente da escola como são devidas a fatores de ordem psicológica ou sociocultural. As deficiências sensoriais e físicas (visual, auditiva, motora) e as inquietações fisiológicas originam tipos específicos de dificuldades na aprendizagem. (KIRK: 1962).

A aprendizagem da criança inicia-se muito antes de sua entrada na escola, isto porque desde o primeiro dia de vida, ela já está exposta aos elementos da cultura e à presença do outro, o qual se torna o mediador entre ela e a cultura. De acordo com a idade cronológica e o desenvolvimento maturacional da criança, ela vai aprendendo a falar e a gesticular, a nomear objetos, a adquirir informações a respeito do mundo que a rodeia, a manusear objetos da cultura; ela vai se comportando de acordo com as necessidades e as habilidades. Com base nesse entendimento, vejamos o que CAMPOS (1979),

Logo que a criança nasce, começa aprender e continua a fazê-lo durante toda a sua vida. Com poucos dias, aprende a chamar sua mãe com seu choro. No fim do primeiro ano, familiarizou-se com muitos dos objetos que formam seu novo mundo, adquiriu certo controle sobre suas mãos e seus pés e ainda, tornou-se perfeitamente iniciada no processo aquisição da linguagem falada. (...) vai para a escola, onde por meio de linguagem dirigida, adquire os hábitos, as habilidades, as informações os conhecimentos e as atitudes que a sociedade considera essencial ao bom cidadão (p. 14).

E é nesse momento da escola, quando o educando chega à fase da alfabetização, quando não consegue demonstrar as mesmas aprendizagens que as crianças de sua faixa etária ocorrem o que definimos como uma (D.A.) Dificuldade de Aprendizagem. Nesse momento, o olhar do professor com muita atenção para com os seus alunos é primordial, pois é ele quem dará os primeiros passos para que o sofrimento do aluno não continue causando desconfortos futuros.

A presença do “outro” (professor, família, comunidade) nas atividades é muito importante, pois esse outro é que diz o nome das coisas do mundo, a forma certa de se comportar perante as situações para viver em sociedade; esse outro é que lhe explica o mundo, que lhe responde os “porquês”, enfim, é o seu grande intérprete do mundo. São esses elementos apropriados do mundo exterior que possibilitam o desenvolvimento do organismo e a aquisição das capacidades superiores que caracterizam o psiquismo humano. Nesse bojo de entendimento, a aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social, que ocorre na interação com os adultos e colegas do seu convívio social. O desenvolvimento é resultado desse processo, e a escola, o lugar privilegiado para essa estimulação. A educação passa, então, a ser vista como processo social essencial na construção da humanidade.

## **CAPÍTULO 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

As realizações de atividades de produção se deram na Escola de Ensino Fundamental Deputado Egídio Madruga, considerando a pesquisa de base qualitativa, conforme propõe Bortoni-Ricardo (2008). No projeto maior TCC, consta um Projeto Pedagógico (um plano de curso), conforme será apresentado a seguir, através do qual se aplicou uma Sequência Didática objetivando proporcionar aos alunos conhecerem uma proposta de leitura que oportunizassem uma formação leitora crítico reflexiva e, como consequência dessa atividade produzir textos, no caso desse trabalho, o gênero Fábula. Nesta produção, os alunos puderam escrever e ilustrar se assim fosse da espontaneidade do aluno em formação.

### **3.1 CARACTERIZAÇÕES DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Egídio Madruga, localizada na Rua Jornal O Combate s/nº Marcos Moura, Santa Rita-PB. Essa escola está bem situada, quanto ao bairro, possui excelente estrutura física, considerando as condições da cidade em apreço, para atender a comunidade escolar. O bairro situa-se próximo ao Centro da cidade de Santa Rita-PB, sendo um conjunto habitacional considerado um Bairro de classe econômica baixa da cidade, com sérios problemas de infraestrutura. Essa escola tem 20 anos de funcionamento, suas salas são amplas e arejadas, possuem armários de zinco, os quais servem para guardar materiais de uso coletivos, inclusive livros escolares e dicionários. As paredes da escola são pintadas e conservadas.

É composta, em sua maioria, por alunos que residem no bairro ou de localidades próximas. Dispõe de 07 salas de aula, sendo uma sala de informática, 10 banheiros, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 refeitório, 01 biblioteca, 01 quadra Poliesportiva e 01 pátio coberto.

A escola oferece curso de Informática para os alunos, aulas de dança, ballet, banda de fanfarra, e aula de artesanato. Apesar de serem feitos anualmente os serviços de manutenção como pintura, serviços de retelhamentos, hidráulicos, a administração não consegue manter o prédio

conservado, visto que a cultura de alguns alunos não demonstra sensibilidade para perceber que escola é uma extensão do lar e um bem público que pertence a todos, inclusive aos seus futuros filhos e familiares.

### 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população é formada por 27 alunos do Ensino Fundamental, Serie Iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental do bairro Marcos Moura em Santa Rita-PB. Quanto à amostra recolhida para análise e discussão do trabalho, compreende a 60% dos alunos e está composta de 16 alunos devidamente matriculados do Ensino Fundamental I da referida escola.

A amostragem da população será por acessibilidade, conforme Gil (1999, p.104): o pesquisador seleciona os elementos a que se tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo. Dessa forma, foram aplicados os instrumentos para coleta de dados a todos os que estiveram presentes no momento da aplicação, os quais aceitaram de livre espontânea vontade a responder.

O tipo de amostragem foi probabilístico, do tipo aleatório (também chamado de aleatório simples, é aquele em que todos os elementos da população têm a mesma probabilidade de ser escolhido como elemento da amostra).

O critério para a definição da população deu-se pelo fato de a pesquisadora pertencer ao quadro da escola em tela e, em sua prática docente, tinha muito interesse de verificar as dificuldades de leitura por parte dos seus alunos, considerando o nível de formação leitora e o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo das crianças para ler e escrever, assim como rever a sua própria prática e responsabilidade para trabalhar com a formação leitora nos Anos Iniciais.

### 3.3 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO PROJETO DE PESQUISA

A pesquisa-ação caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Todavia, a pesquisa-ação geralmente

supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional técnico ou outro. (THIOLLENT, 1985). Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Flick (2009, p.16), [...] é uma [...] atividade situada que coloca o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível.

Quanto aos critérios de definição da escolha da escola campo, deu-se pelo trabalho já desenvolvido, o que possibilita aplicar a intervenção prática cujo trabalho de formar leitores, tomando como exemplo o Gênero Fábula, por tratar-se de um gênero que envolve, sensibiliza e motiva as crianças e pela ludicidade de sua aquisição através dos materiais pedagógicos disponíveis na escola. E assim, se inseri-los dentro da realidade sociocultural das crianças.

Considerando que os interesses dessa pesquisa voltou-se para práticas pedagógicas de intervenção pedagógica, foi desenvolvida em duas etapas: uma, de caráter teórico para fundamentar uma prática de trabalho para a escola básica; e outra, de caráter prático, com apresentação de uma proposta de trabalho interventiva com a utilização do gênero Fábulas aos discentes da turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I da referida escola.

Com relação à coleta de dados, optou-se por: a) depoimentos pessoais dos alunos envolvidos na pesquisa; b) pela análise de leitura e pela produção textual que os alunos relataram verbalmente sobre a moral das Fábulas lidas.

Um fator importante para sustentar a análise foi à interpretação de dados no estudo a preservação da totalidade da unidade social. O que possibilitou nessa pesquisa, uma análise da observação direta. Ademais, no que tange aos dados produzidos por esta pesquisadora, cabe lembrar que as visitas realizadas à Escola Campo foram efetivadas após a apresentação do Projeto à Equipe Gestora daquela escola.

Quanto às fabulas trabalhadas, foram escolhidas 02 fábulas: A cigarra e a formiga de Esopo, traduzida por La Fontaine, e adaptada por Bocage; e A cigarra e a formiga má, adaptada por Monteiro Lobato (2012).

### 3.4 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO PLANO DE INTERVENÇÃO

A Sequência Didática (SD) aqui adotada partiu do entendimento de um conjunto de atividades de leitura, cuja análise linguística e produção textual têm

por objetivo apreender as características próprias de um determinado gênero. Visa a estudar suas partes constitutivas (tema, estrutura composicional e estilo) de forma a identificá-lo, compreender seu uso, finalidade e produzi-lo quando a situação comunicativa exigir. Nesse propósito, é que a atividade proposta será realizada com a participação de 16 alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental I, com aulas de duração de uma hora e meia durante 15 dias letivos, distribuídos, conforme segue.

Quanto ao plano de Execução, veja-se o quadro abaixo.

<b>Período/ Data, hora/aula</b>	<b>Atividades Da SD</b>	<b>FábulaTema Transversal</b>	<b>Objetivo da Atividade</b>	<b>Moral da Fabula explorada</b>	<b>Produto da proposta de intervenção</b>
15/08/16 - 13hs às 14h30min	01- Leitura e diálogo	A Cigarra e a formiga	investigar as práticas de leitura	a honestida de e solidaried ade	Diagnostico da compreensã o leitora
22/08/16 - 13: hs às 14h30min	02 Refabulaçã o da fábula lida	Ética e meio ambiente	Comp reensão leitora		Estratégia de leitura e discutir o texto fábula
31/0 8/16 13h, às 14h30min:	Atividade 03 Reescrita	A Cigarra e a formiga má	promo ver uma situação de produção textual	Esf orço e trabalho	Orientação para uma produção escrita com ilustrações
5/09/ 16 13h, às 14h30min	Atividade 04	Refabulaçã o através de desenho			Produção final
<b>TOTAL</b>	<b>04 Atividades</b>				

**Quadro dois: Cronograma das atividades pedagógicas para o processo de intervenção.**

**1. Primeiro Momento:** Esse foi o momento de identificação do gênero, destacá-lo dos demais, reconhecer que não se escreve de qualquer jeito, mas de um jeito peculiar, já percebendo a silhueta própria do gênero posto em análise.

Em uma aula de 90min foi apresentada a proposta aos alunos, os quais foram informados dos objetivos da atividade, do tema ser discutido, como foram desenvolvidos, eles foram informados de que fariam uma leitura e

posteriormente produziram um texto, ou seja, uma refabulação das fabulas lidas.

### **Fábula1: “A Cigarra e a Formiga Má”**

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de um agasalho, o mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse: – Eu cantava, bem sabe...

– Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol. (MONTEIRO LOBATO: 2004 p.141)

### **Fábula2: “A CIGARRA E A FORMIGA”**

#### **A Cigarra e a Formiga**

Tendo a cigarra, em cantigas,  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penúria extrema,  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

– Amiga – diz a cigarra  
– Prometo, à fé de animal,  
Pagar-vos, antes de Agosto,  
Os juros e o principal.

A formiga nunca empresta,  
Nunca dá; por isso, junta.

- No verão, em que lidavas?
- À pedinte, ela pergunta.

Responde a outra: – Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora.  
– Oh! Bravo! – torna a formiga  
– Cantavas? Pois dança agora!

**2. Segundo Momento.** Nesse momento, foi distribuída cópias das duas Fábulas a serem trabalhadas: A cigarra e a formiga de La Fontaine e A cigarra e a formiga má de Monteiro Lobato. Foi feita uma leitura individual. Essa atividade se desenvolveu em duas aulas subseqüentes de 50min. Em seguida, após a leitura individual, feita pelos alunos, foram escolhidos 06 alunos de cada grupo para ler em voz alta a fabula apresentada, com o objetivo de promover um momento de interação entre os colegas. Em seguida, o professor fez indagações sobre as características e estruturas do gênero textual Fábula, explicando a função da Fábula, considerando a mensagem de moral que faz parte desse gênero.

Enfatizando que a Fábula, em questão, trata do esforço e do trabalho, honestidade e solidariedade, foi feito pelo professor uma reflexão sobre a relação de poder na sociedade atual, destacando as injustiças que acontecem no mundo de hoje, cujas riquezas estão nas mãos de poucos, enquanto que muitos trabalhadores não têm seus direitos respeitados.

Essas atividades desenvolvidas nessa etapa exploraram as especificidades próprias que indicam ser o gênero trabalhado uma Fábula. Verificamos nos textos estudados quais elementos da narrativa se repetiam: tipo de personagens e narrador, temas tratados, linguagem utilizada, indeterminação como será desenvolvido, o tempo e espaço, uso do diálogo, moral da história na finalização do texto. Sendo assim, os alunos foram oportunizados a apreenderem os elementos prototípicos desse gênero em questão.

Através de versões diferentes de duas Fábulas, (autores e épocas diferentes), “A cigarra e a Formiga” de La Fontaine; e” A cigarra e a Formiga má” de Monteiro Lobato, possibilitou-se a verificação dos elementos que se repetem, constituindo a estrutura composicional do gênero, bem como se preocupou em enfatizar a leitura como construção de sentidos para os textos,

destacando-a como fundamental na exploração de toda comutatividade existente no gênero Fábula, sabendo-se, pois, que o intuito dessa proposta foi fugir do formato pedagógico equivocado e, até doutrinador, mas primar pela reflexão, pela possibilidade de se analisar por outros pontos de vista, não radicalizando respostas, nem determinando posição a tomar, porém estimulando o diálogo, a argumentação, o respeito à diversidade de ideias e a liberdade de expressões.

**3. Terceiro Momento:** Com base no levantamento coletado no diagnóstico aplicado, anteriormente, pudemos verificar categorias linguísticas já dominadas e as que ainda se mostravam deficitárias na produção dos alunos. A partir desses dados, considerando ainda a relevância do conteúdo para a apropriação do gênero Fábula, elaborados para essa etapa: uma produção textual sobre a Fábula lida, para ser analisada pela pesquisadora, considerando o nível cognitivo desses alunos, através da moral relatada por eles, pela interpretação dada à Fábula e a percepção de cada discente com o meio em que eles estão inseridos.

**4. Quarto Momento:** Esse momento, além de ser um indicativo de quais e quantos conteúdos foi apropriado pelo aluno, possibilitando-o pôr em prática seus conhecimentos adquiridos, também possibilitaram ao professor observar as aprendizagens efetuadas, centrar suas intervenções em pontos essenciais e planejar a continuidade do trabalho, permitindo eventuais retornos a pontos nos quais foram apresentadas dificuldades na leitura. A proposta de produção final optou-se por reunir as crianças para que narrassem a moral da Fábula trabalhada, conforme a proposta da sd, de forma dialogada sobre a estrutura e as características da Fábula.

Em seguida, os 16 alunos fizeram uma produção individual de um texto que uma refabulação das Fábulas lidas. Estas amostras contaram as narrativas das Fábulas lidas e a produção textual com ilustrações.

### 3.5 DO PLANO PEDAGÓGICO

A primeira etapa foi relevante para os passos do trabalho, desde a seleção do Tema gerador da pesquisa a apresentação e explicação ao grupo participante da proposta da pesquisa. A reescrita dos alunos foi à segunda

etapa do projeto, importante para coleta de dados, cuja produção permitiu observar a compreensão leitora. A terceira etapa envolveu o estudo diagnóstico das possíveis dificuldades linguísticas apresentadas pelos alunos nas produções escritas, com posterior orientação teórico-metodológica, quanto à refabulação das Fábulas trabalhadas. Esse momento foi relevante para a ampliação do conhecimento do aluno, pois envolveu discussões quanto à estrutura do gênero textual Fábula, adequação da narrativa e reflexão da moral apresentada na Fábula.

### **1ª Etapa**

Escolha do tema gerador da pesquisa: A formação leitora dos alunos do ensino Fundamental: As fábulas e as fabulações possíveis

Levantamento bibliográfico.

Elaboração do projeto de pesquisa.

Apresentação do projeto ao grupo pesquisado (definição da modalidade escrita para produção de reescrita e seleção do gênero Fábula.). <sup>1</sup>

### **2ª Etapa**

Produção de uma refabulação da Fábula: A cigarra e a formiga de La Fontaine, para coleta de dados.

### **3ª Etapa**

Estudo-diagnóstico das possíveis dificuldades do aluno ao reescreverem a Fábula, conforme a orientação da sequência didática.

### **4ª Etapa**

Reescrita dos textos produzidos na fase diagnóstica da pesquisa

## **3.6 OBJETIVOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a compreensão leitora a partir do gênero textual “Fábula”, com alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a fim de ampliar a competência linguístico-discursiva da compreensão leitora – interpretativa dos alunos participantes do projeto.

### 3.6.1 Objetivos da proposta de Intervenção

O objetivo geral: analisar a compreensão leitora a partir do gênero textual “Fábula”. E os Objetivos Específicos: a) incentivar á reflexão sobre a moral das Fábulas A cigarra e a formiga e A formiga má; b) proporcionar o processo de formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental I através de Fábulas; e c) promover uma situação de produção textual: a refabulação das fabulas discutidas.

### 3.6.2 A proposta de intervenção

Por se tratar de uma proposta de trabalho no âmbito de uma intervenção pedagógica, cujas ações para atingir as metas são destinadas a minimizar o problema de compreensão leitora dos alunos, que foi objeto de investigação, considerando a dificuldade da formação leitora no Ensino Fundamental serie iniciais, que tem como meta tentar melhorar o nível de leitura dos discentes do Ensino Fundamental Anos Iniciais da Escola em referência, a partir do uso contínuo da leitura de Fábulas.

A intervenção foi realizada na escola, cuja proposta foi dividida em 04 etapas. Na primeira, foi escolhido e apresentado o gênero Fábula para os discentes. Na segunda, foi distribuída a Fábula: A Cigarra e a Formiga de La Fontaine e A cigarra e a Formiga Má de Monteiro Lobato. O texto se adequa à maturidade cognitiva dos alunos. Na terceira, pedagogizamos a leitura individual com foco no gênero escolhido; e, na quarta etapa, através de uma SD, os alunos produziram a refabulação.

PERÍODO (10h/a)	ATIVIDADES	OBJETIVOS	ESTRATÉGIA	AVALIAÇÃO
2 Aulas, 1h30min	Apresentação da Fábula: A cigarra e a formiga de La Fontaine	Reconhecer a tipologia textual relacionada ao gênero: FABULA.	Identificação do Gênero, Fábula.	Os alunos foram avaliados de acordo com o envolvimento e interação durante a realização da atividade

2 Aulas, 1h30min	Verificação do estilo composicional do Gênero	Reconhecer as especificidades do gênero	A leitura individual da Fábula apresentada	Foi verificado o grau do ensino aprendizagem, considerando os elementos típicos do gênero em estudo.
3 Aulas, 2h15min	Maximização Da leitura	Verificar a percepção dos alunos com relação ao conteúdo lido com a sua realidade social	Refabulação	Foi verificado através do exercício da leitura a apreensão de conteúdo específicos da Fábula.
3 Aulas, 2h15min	Apropriação de conteúdos	Observar as aprendizagens adquiridas do gênero em estudo por parte do aluno e as intervenções e planejamento da continuidade da intervenção	Rever as dificuldades apresentadas pelos alunos no processo da leitura e produção de escrita.	Responder o questionário (em anexo) acerca da Fábula em estudo com perguntas semiestruturadas.

**Quadro 3: Cronograma das atividades pedagógicas para a realização do processo de intervenção.**

### 3.7 RELATOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para a efetivação da prática de produção textual com o gênero textual Fábula, optou-se pela proposta de modelo de trabalho com Sequencia Didática (SD). Dessa forma, na primeira atividade da SD, definiu-se a modalidade escrita para a produção de texto e o gênero Fábula. Em seguida, iniciou-se o trabalho do conteúdo para a realização da primeira produção de texto escrito, visando a um estudo diagnóstico. Para tanto, se iniciou um debate com o grupo de alunos pesquisados, perguntando-lhes se tem conhecimento do gênero textual Fábula. Em seguida, verifiquei através de questionamentos orais, acerca do conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero textual.

Em meio aos questionamentos, percebi que a maioria do grupo pesquisado já tinha conhecimento do gênero em questão. Com o objetivo de realizar um estudo diagnóstico, solicitei aos alunos a refabulação das Fábulas lidas e que os mesmos introduzissem e ilustrassem, falei da importância do texto lido dentro do contexto histórico enfatizando a importância das Fábulas desde sua origem até os dias atuais.

Para melhor um desempenho na produção escrita, orientou-se o aluno para que planejasse suas produções textuais a refabulação, considerando os seguintes aspectos: ambientes onde aconteceram os fatos; caracterização dos animais personagens, lugares e atitudes. Após as devidas orientações, os alunos produziram seus textos na forma escrita e de desenho.

Antes de iniciar o estudo diagnóstico, propriamente dito, como professora/pesquisadora, busquei respaldo científico para a análise, nos estudos de Cagliari (2006, p. 146) onde diz que é importante que o professor realize essa diagnose das dificuldades de seus alunos para poder viabilizar um trabalho mais específico em sala de aula.

### **3.7.1 Da sequência didática**

A Sequência Didática é um conjunto de atividades de leitura, análise linguística e produção textual que tem por objetivo apreender as características próprias de um determinado gênero. Visa a estudar suas partes constitutivas (tema, estrutura composicional e estilo) de forma a identificá-lo, compreender seu uso, finalidade e produzi-lo quando a situação comunicativa exigir. Nesse propósito é que a atividade proposta será realizada com a participação de 16 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, com aulas de duração de uma hora durante 15 dias letivos, distribuídos da seguinte maneira:

No Primeiro Momento: neste houve identificação do gênero, destacando-lhe dos demais, reconhecer que não se escreve de qualquer jeito, mas de um jeito peculiar, já percebendo a silhueta própria do gênero posto em análise. Em uma aula de 50min foi apresentada a proposta aos alunos, os quais foram informados dos objetivos da atividade, assunto tratado e como foram desenvolvidos, eles foram informados de que fariam uma leitura e

posteriormente produzirão um texto, ou seja, uma refabulação das fábulas lidas.

Segundo Momento: Nesse momento, distribuíram-se cópias das duas Fábulas para o trabalho para uma leitura individual. Essa atividade se desenvolveu em duas aulas subseqüentes de 50min. Em seguida após a leitura individual feita pelos alunos, escolhemos 06 alunos de cada grupo para ler em voz alta a fábula apresentada. Em seguida o professor fez, indagações sobre as características e estruturas do gênero textual Fábula, explicou a função da Fábula a mensagem de moral que faz parte desse gênero.

Enfatizando que as Fábulas em questão tratam do esforço, trabalho, honestidade e solidariedade, fez-se uma reflexão sobre a relação de poder na sociedade atual, destacando as injustiças que acontecem no mundo de hoje, onde as riquezas estão nas mãos de poucos enquanto que muito trabalhador não tem seus direitos respeitados. Essas atividades desenvolvidas nessa etapa exploraram as especificidades próprias que indicam ser o gênero trabalhado uma Fábula. Verificamos nos textos estudados quais elementos se repetiam: tipo de personagens e narrador, temas tratados, linguagem utilizada, indeterminação como seria desenvolvido, eles foram avisados que dê o tempo e espaço, uso do diálogo, moral da história na finalização do texto. Sendo assim, os alunos serão capazes de apreender os elementos prototípicos desse gênero em questão. Através de versões diferentes de duas Fábulas, de autores e épocas diferentes, possibilitou-se a verificação dos elementos que se repetem, constituindo a estrutura composicional do gênero, bem como se preocupou em enfatizar a leitura como construção de sentidos para os textos, destacando-a como fundamental na exploração de toda conotatividade existente no gênero Fábula, sabendo-se, pois que o intuito dessa proposta era fugir do formato pedagogizante e, até doutrinador, mas primar pela reflexão, pela possibilidade de se analisar por outros pontos de vista, não radicalizando respostas, nem determinando posição a tomar, porém estimulando o diálogo, a argumentação, o respeito à diversidade de ideias e a liberdade de expressões.

Terceiro Momento: Com base no levantamento coletado no diagnóstico aplicado anteriormente aos alunos, poderá verificar categorias linguísticas já dominadas e as que ainda se mostravam deficitárias. A partir desses dados,

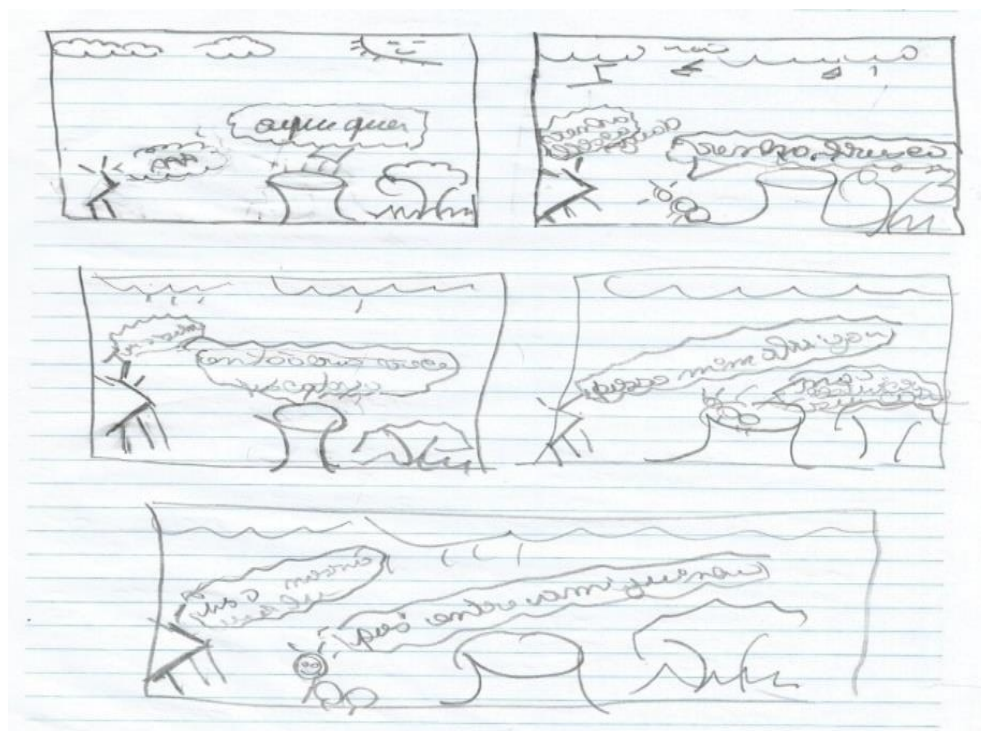
considerando ainda a relevância do conteúdo para a apropriação do gênero Fábula, elaborar-se-á, nessa etapa, uma produção textual sobre a Fábula lida, para ser analisado pela pesquisadora o nível cognitivo destes, através da moral relatada por eles, pela interpretação dada a Fábula e a percepção de cada discente com o meio em que eles estão inseridos.

Quarto Momento: Esse momento, além de ser um indicativo de quais e quantos conteúdos foi apropriado pelo aluno, possibilitando-o pôr em prática seus conhecimentos adquiridos, também possibilitará ao professor observar as aprendizagens efetuadas, centrar suas intervenções em pontos essenciais e planejar a continuidade do trabalho, permitindo eventuais retornos a pontos nos quais foram apresentadas dificuldades na leitura. A proposta de produção final optou-se por reunir as crianças para que as mesmas narrassem a moral da Fábula trabalhada na sequência didática de forma dialogada sobre a estrutura e as características da Fábula. Em seguida os alunos farão uma produção individual de um texto que poderá ser uma refabulação das Fábulas lidas.

## CAPÍTULO 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para melhor ilustrar o trabalho, a pesquisa de campo teve como objetivo de levantar dados concretos que pudessem servir de orientação para futuras mudanças ou alterações na prática pedagógica; e mesmo na postura docente frente ao desafio de como formar alunos leitores. Sendo assim, após a leitura de fábula a Cigarra e a formiga em sala de aula, e, obedecendo à SD, a qual foi solicitada aos alunos a confecção de desenho que expressassem mais livremente e espontaneamente à compreensão leitora da Fábula lida.

A1

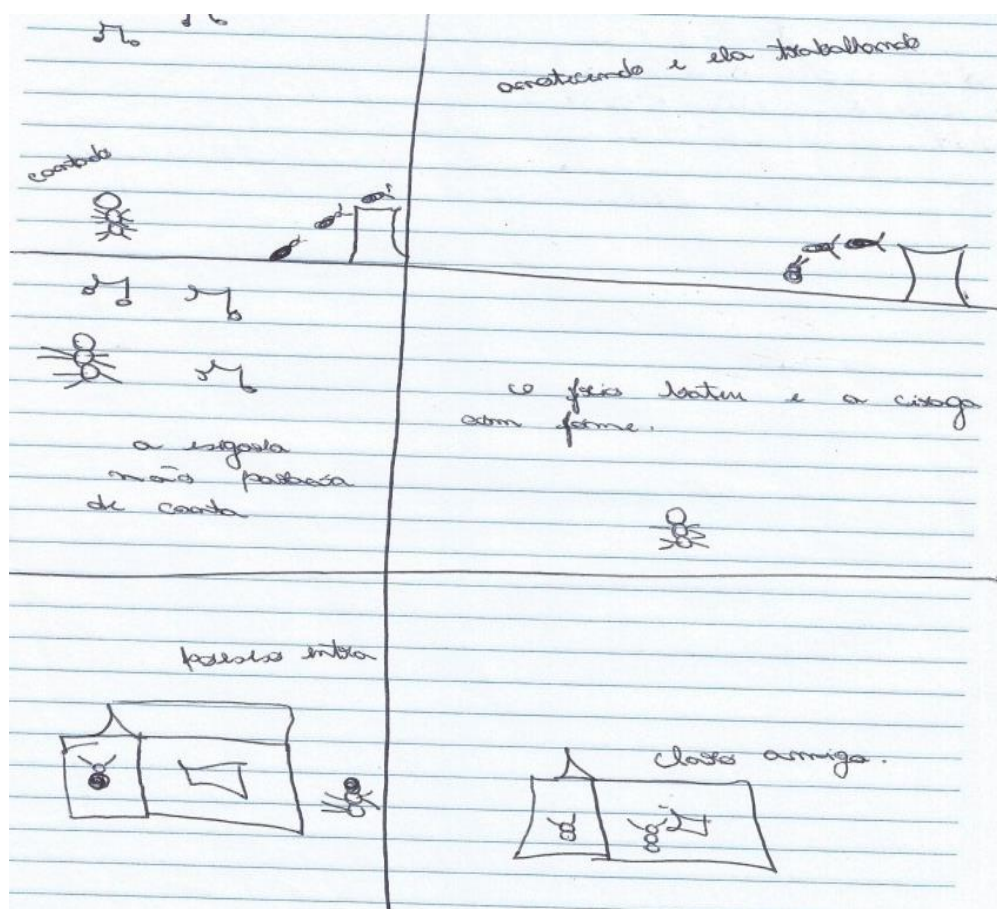


Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto produzido pelo A1 apresenta uma reprodução da Fábula de forma parcial, contudo não descaracteriza o gênero em estudo, quanto aos elementos não linguísticos o aluno confeccionou rabiscos para retratar o cenário da fábula. Quanto à linguagem verbal, trata-se de um texto lúdico, mesmo com os rabiscos é possível observar que o aluno compreendeu a Fábula lida pela professora na SD.



A2



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto produzido pelo A2 contém poucos recursos visuais e textuais, porém é possível observar que há uma sequência lógica dos acontecimentos e pouca sequência de atos da narrativa; problemas de coerência e ordem nas frases; ausência de trechos descritivos de personagem e lugar. Segundo Silva<sup>5</sup>, (2010) coloca que abordando os gêneros a escola estaria dando ao aluno a oportunidade de se apropriar devidamente de diferentes Gêneros Textuais socialmente utilizados, sabendo movimentar-se no dia-a-dia da interação humana, percebendo que o exercício da linguagem será o lugar da sua constituição como sujeito. A atividade com a língua, assim, favorecerá o

<sup>5</sup> *Sílvia Ribeiro da Silva*, Artigo publicado em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/g00003.htm>

exercício da interação humana, da participação social dentro de uma sociedade letrada.

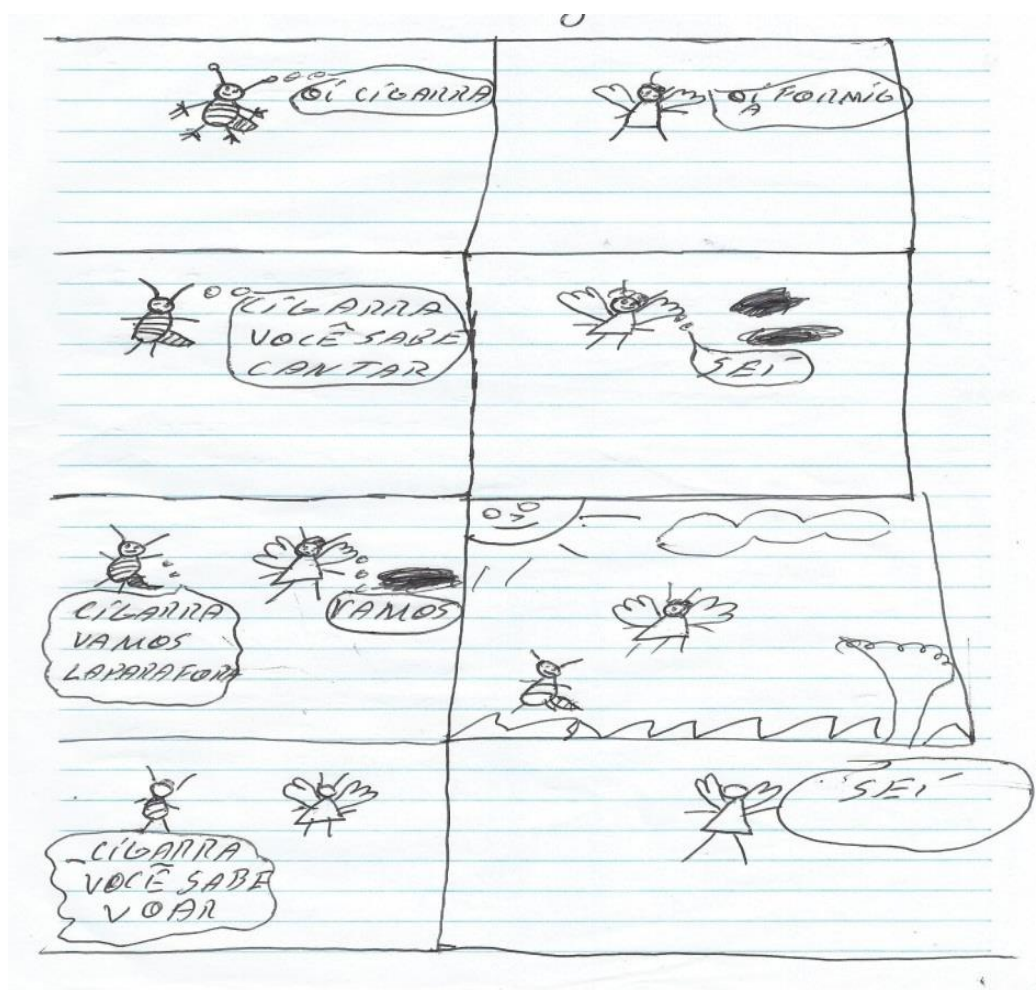
### A03

ont  
e:  
Pro  
duç  
ão  
text  
ual  
do  
leito  
r  
em  
for  
maç  
ão.



O texto produzido pelo A03 apresenta elementos constituídos a partir dos contextos de produção. Porém há falta de descrição de personagem mencionado na Fábula. Dessa forma, o ethos estará sempre ligado a questões elementares da vida. Fortalecendo essa ideia Amossy (2005) afirma que: Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça se autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo de competências linguísticas é suficiente para construir uma representação de sua pessoa. Assim, de liberadores ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2005, p. 9)

A04



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

A produção do A04 mostra um diálogo entre os interlocutores com a elaboração de outro contexto, por sinal bem criativo com lógica e sentido, diferente do exposto pela fábula apresentada durante a intervenção, como corrobora Bakhtin:

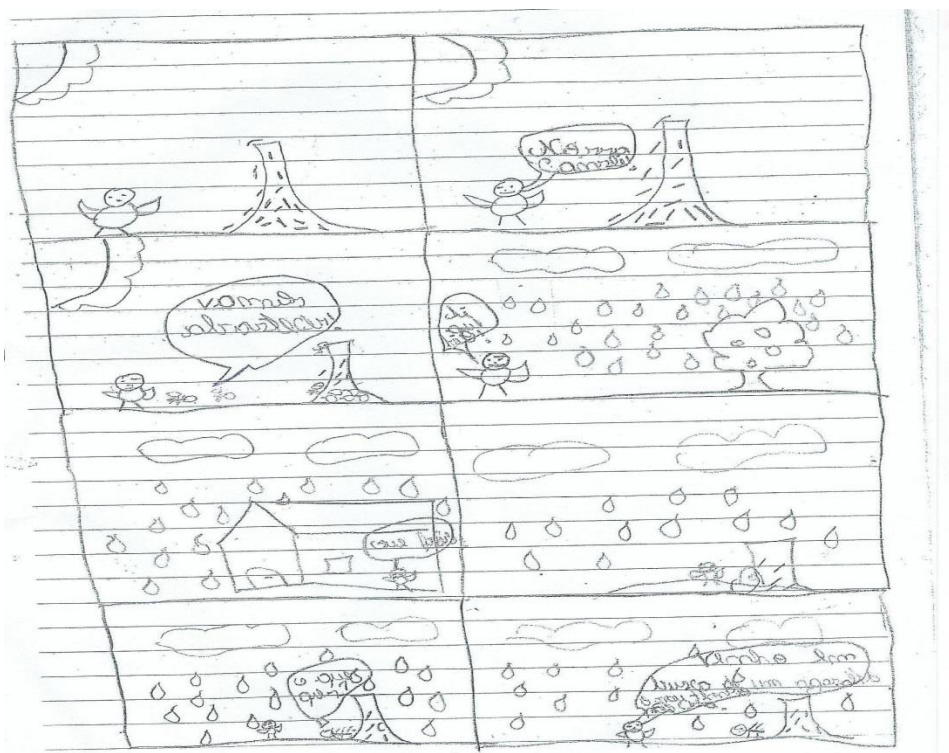
Segundo essa concepção, a língua só existe em função do uso que locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem dela em situações (prosaicas ou formais) de comunicação. O ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos. Esse sujeito se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Além disso, um enunciado sempre é modulado pelo falante para o contexto social, histórico, cultural e ideológico. (BAKHTIN, p.82.).

A criatividade do aluno levou-o a criar um contexto tendo como base a fábula proposta pelo projeto de intervenção.

## A05

Fo-  
nte:  
Produção  
textual do  
leitor em  
formação.

Na  
produção  
do A05 é  
possível  
observar  
uma

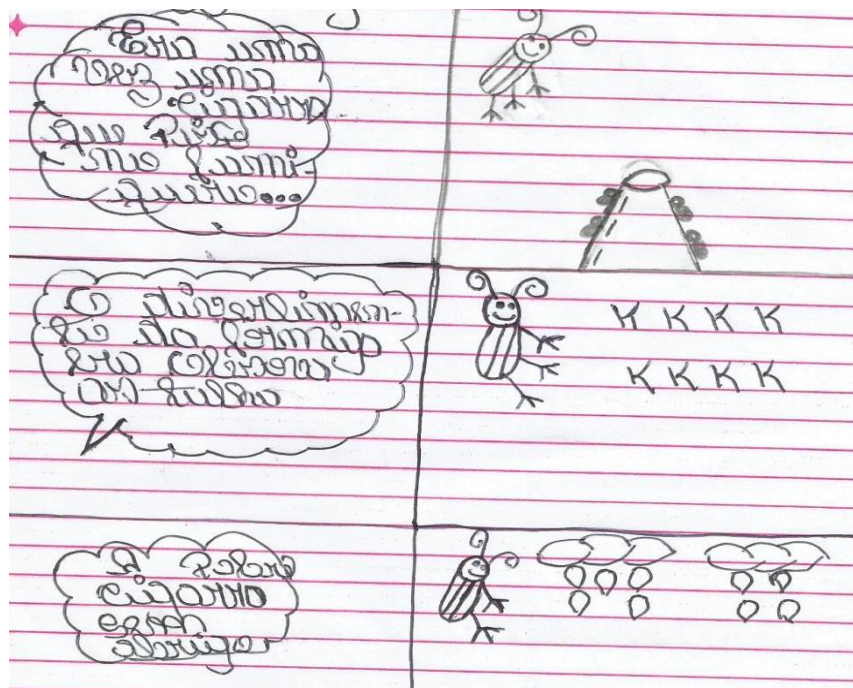


interação entre as personagens de forma coerente e com recursos visuais com sentido lógico, há poucos elementos da linguagem verbal. Segundo Oliveira (2007, p. 7), “para compreender o mundo de forma plena e se comunicar o ser humano usa as duas formas de expressão: verbal e não verbal, que são muitas vezes, campos complementares e simultâneos”.

Toda a comunicação é educativa, porque ela é o processo de compartilhamento da experiência comum, e com isso proporciona aos indivíduos não só disposições emocionais e intelectuais como prevê experiências mais amplas e variadas (LIBÂNEO, 1998, p. 54).

O aluno demonstrou na sua produção a compreensão da fábula lida enfatizando os recursos visuais.

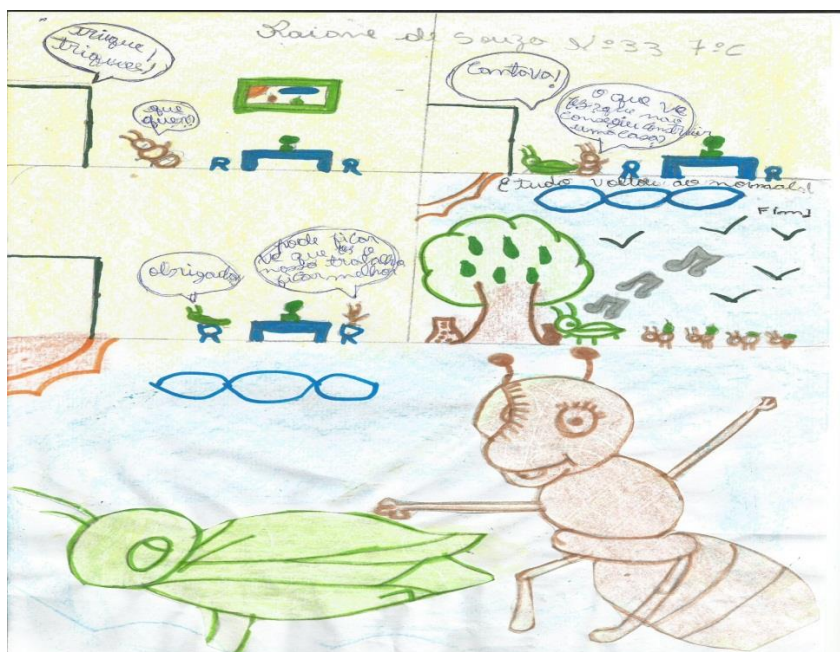
## A06



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

Na produção do A06 temos um texto incoerente, sem lógica e sem sentido. Falta de descrição do personagem mencionado na Fábula, dificuldades de apresentação das ações sequenciando-as temporalmente, estabelecendo relação com o tema/espaco/período focalizado no texto explicitando sensações, sentimentos, emoções vividas pelos personagens na Fábula.

A07



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto produzido pelo A07 apresenta as ilustrações com elementos em comum, dentre eles podemos mencionar: a posição de superioridade da formiga em relação à cigarra, uma vez que esta se encontra em um plano inferior, e a sugestão da formiga em situação de admoestação e de desprezo em relação à cigarra nesse contexto histórico-social.

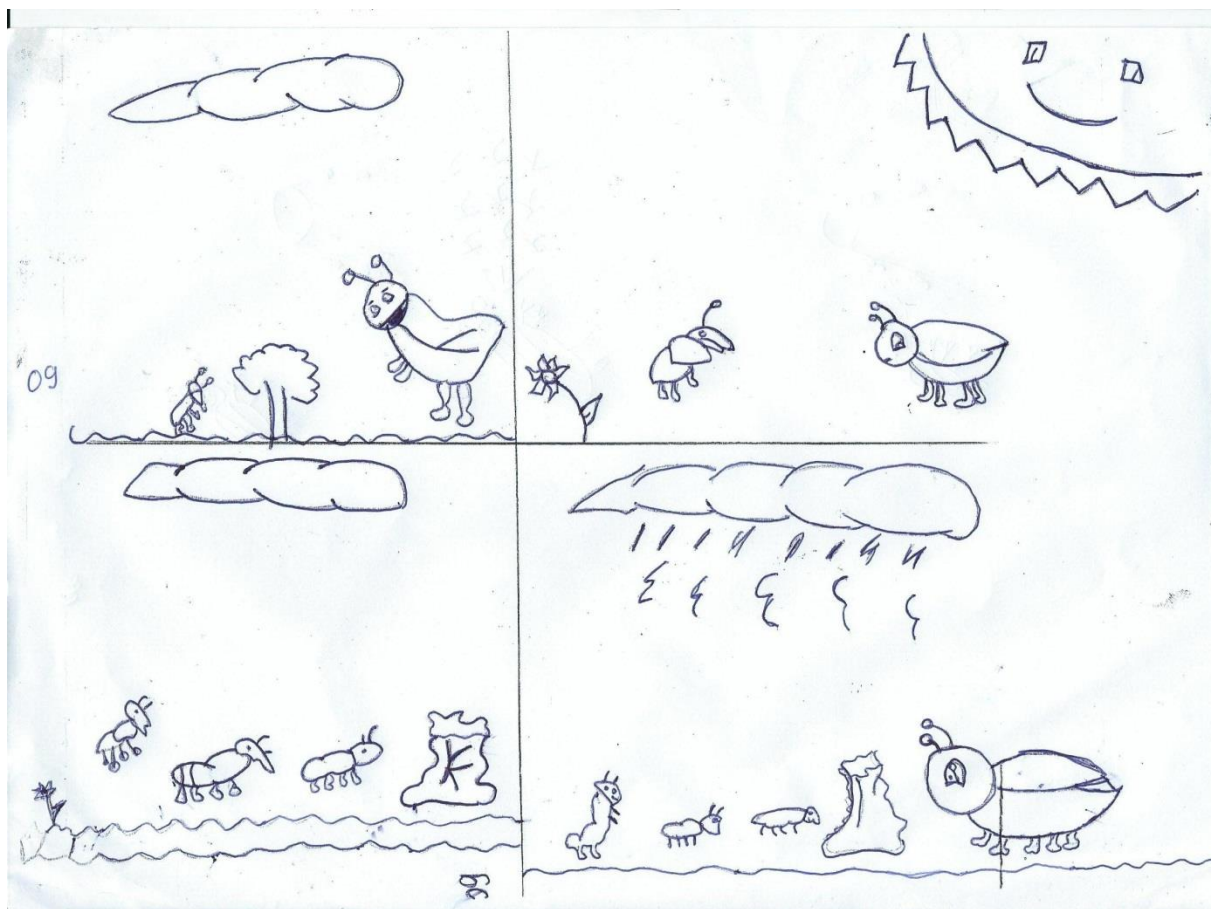
A08



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto produzido pelo A08 apresenta traços da oralidade, divisão silábica feita de forma irregular e ausência de correção gramatical. Entre as Fábulas de um povo e outro, sempre haverá diferenças quanto ao modo de estruturar o texto ou quanto aos temas e figuras selecionadas. Só que tais diferenças são baseadas por fatores culturais. A maneira como funciona permite que seja entendida como representante de uma mesma prática discursiva. Para Dezotti (2003), a Fábula é um modo universal de construção discursiva. Assim, para abrigar a diversidade de textos que a cultura ocidental rotula como Fábula, é proposta uma definição que contempla a sua essência: Fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa.

A09



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto do A09 não traz linguagem verbal, o produtor usou apenas a linguagem não verbal com poucos recursos de forma coerente. O caráter educativo da obra lobatiana define-se pela união de ficção e informação numa didática que possibilita o interesse da criança pelo assunto. Ao se trabalhar a Fábula, percebe-se que ela tem nas aulas de literatura ou de português um significado especial na formação da personalidade dos alunos. Enquanto discurso, a Fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta a capacidade dos alunos de analisar e julgar.

A10

10

os formigas ficaram  
trabalhando e a cigarra  
não ficou cantando em vez  
de trabalhar

gri gri gri

10

mas o bom tempo  
acabou passou e vieram  
as chuvas

foe foe

que que? Pergun-  
tou a formiga

Quero em troca de não vou dar pois que deu  
comida e um a gora o Verão todo para pegar  
lha e deixá-me entre a sua comida em vez de  
na formigueira pegar o que foi que você  
fezam fazenda o Verão todo  
eu fiquei cantando.

então na primavera  
vez trabalho para  
conseguir a sua  
comida

então passou o Verão  
e a cigarra não  
trabalhou no ficou  
cantando

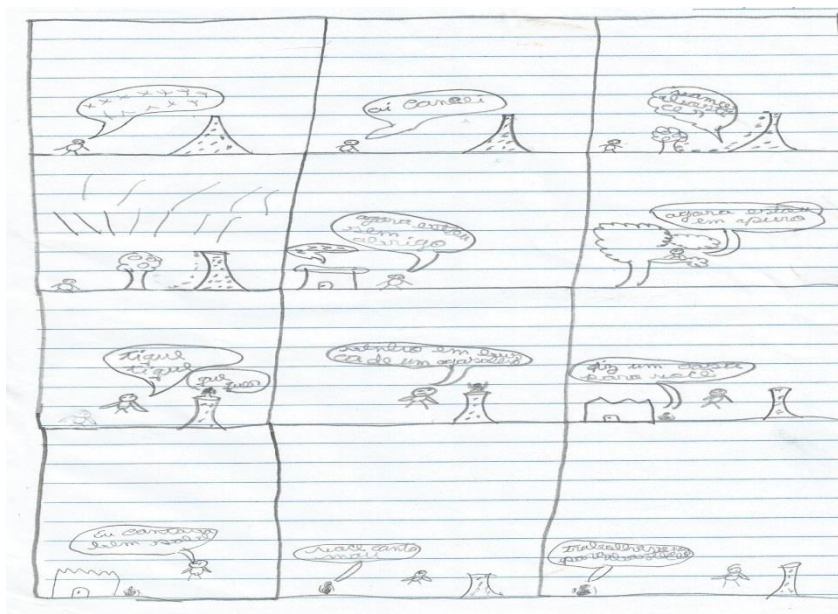
Entre amiguinhos  
por favor

Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto do A10 reproduz a história contada dentro da sequência didática. As Fábulas fazem o aluno observar situações de conflito, que afastar-se delas sob determinadas circunstâncias e a oferecer situações estratégicas para resolvê-las; as Fábulas desafiam a fazer exames críticos de comportamentos e, ao mesmo tempo, à autocrítica, ao rever os próprios modos.



## A12



Fonte: Produção textual do leitor em formação.

O texto do A12 a história contada leva-nos a uma confusão, não precisa a fala dos interlocutores, mesmo assim, a sequência das imagens nos leva a uma compreensão e, contudo lava-nos a acreditar que o produtor compreendeu a proposta da SD. A partir do momento que há esse respeito e o interesse pelo aluno, pode-se propor que ele analise, compare, e leia diferentes textos, fazendo com que ele amplie sua capacidade compreensiva e linguística acerca da estrutura e de seu conteúdo. É possível, então, propor um estudo de intertextos, pois o termo intertextualidade designa transposição de um ou de vários sistemas de signo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao Analisar a prática de leitura e da produção escrita do gênero textual Fábula com a intenção propor de apresentar uma contribuição de ensino aprendizagem com Fábula para a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental I, verificou-se que o trabalho conduziu os alunos a uma rescrita mais elaborada e a uma leitura mais eficiente, embora o Projeto tenha sido um caminho desafiador e prazeroso já trilhado, como objeto utilitário, na busca de explorar a capacidade de leitura, do diálogo, da escrita e reescrita textual, fundamentais nesta etapa do processo de aprendizagem. Dessa forma, o aluno que, desde cedo, entra em contato com a escrita e com a obra literária terá uma compreensão muito maior outro; terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que o cerca.

A sequência do trabalho permitiu que entendêssemos o porquê da presença da moral nesse tipo de texto e que percebêssemos que o trabalho com Fábulas não se preocupa apenas com os aspectos referentes ao conteúdo e forma das Fábulas, mas sim compreender que esse gênero possui uma sócia história, um autor, como se isso não fizesse parte de um contexto mais amplo.

Com o estudo teórico realizado, foi possível mostrar que a Fábula é um modo poético discursivo, uma vez que permite serem trabalhadas as capacidades discursivas, especialmente no aspecto referente ao conhecimento, pois ela é um discurso, um ato de fala. Desse modo, cabe salientar o trabalho que pode ser desenvolvido, com esse gênero, a partir do uso da paráfrase, da paródia e da intertextualidade, sendo esses ótimos recursos para que os alunos desenvolvam suas habilidades referentes à leitura e à escrita, conforme foi visto.

A sequência didática apresentada nesse trabalho e aplicada em sala de aula, com alunos do Terceiro Ano do Ensino fundamental de uma escola em Santa Rita-PB, configurou-se como uma proposta de ensino de leitura e escrita, a partir da reescrita de Fábulas consagradas e que, através da utilização de estratégias que visaram a ensinar ao leitor aprendiz formas de interagir com o texto. Do início do projeto até o final, foi possível acompanhar o desenvolvimento de cada aluno, tanto em relação à escrita como à leitura.

Todos já conheciam esse gênero textual e se mostraram atraídos por sua estrutura e significado. Segundo alguns alunos, a maior dificuldade nesse projeto foi iniciar a reescrita do texto, mas depois as ideias fluíram tranquilamente. A leitura realizada das Fábulas mais antigas e contemporâneas foi muito bem entendida por grande parte do grupo. Isso colaborou bastante na hora de criar, dando-lhes mais segurança e confiança.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil e bobices**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1991.

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso- a construção do ethos**. São Paulo: contexto 2005

ANTUNES, Irandê. **A leitura de olho nas suas funções**. In: **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Hucitec, 1988.

AUSUBEL, D.P. **Psicologia educativa: Uma perspectiva cognitiva**. Ed. Trilhas. México 1976.

ASH, Russell; HIGTON, Bernard. **Fábulas de Esopo**. Tradução de Heloisa Jahn, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

BAGNO, M; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua maternal, letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Fábulas fabulosas**. In. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm>. Acesso em 09/2011

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**, São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 20 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**, Brasília, DF: Senado, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo, Scipione. 2004.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. Moderna, 2000.

COLLELO, S. M. **Alfabetização e Letramento: repensando o ensino da língua escrita.** Disponível em: <http://mjgre.me/du7sO>. Acesso em 22 de agosto de 2015.

DEZOTTI, Maria Celeste Cansolin (org.) e. **A tradição da Fábula: de Esopo a La Fontaine.** – Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo, 2003.

DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso.** 2. Ed. São Paulo: Associação. Editorial Humanistas, 2004.

DOLZ; Joaquim, NOVERRAZ. N. e SCHNEUWLY. B. **Sequências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento.** In: DOLZ. J. E SCHNEUWLY. B. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas Mercado de Letras.

ESOPO: **Fábulas completas.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FARIA Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FERNANDES. M.T.O.S. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar; Fábula.** São Paulo. FTD, 2001.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa.** Porto Alegre, Bookman, Artmed 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 4. Ed. Cortez. 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil.** - 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2009.

GÓES, LUCIA PIMENTEL, **Introdução á literatura infantil e juvenil.** 2ª ed. São Paulo Pioneira, 1991.

GERALDI. João Wanderleey. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura mundo.** 6ª ed. São Paulo Ática 2002.

LOBATO, MONTEIRO. **Fábulas.** 3 ed. São Paulo: Globo, 2012.

KLEIMAN, A. **Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna**. In: Signo, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 53, p 1-25, 2007.

KLEIMAN, Ângela B(org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas; SP: Mercado das Letras, 1995(Coleção Ideias sobre Linguagem).

\_\_\_\_\_. & MORAES, Silva E. **Leitura e Interdisciplinaridade**. São Paulo Mercado das Letras, 1999( Coleção Ideias sobre Linguagem)

KOCH. Ingedore G. Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência** 9. ed. São Paulo Cortez.

KOCH. Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégia de produção textual**. São Paulo. Contexto, 2007.

LA FONTAINE, Jean. **Fabulas de La Fontaine: “obra-prima da literatura universal”**. – v. 02. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo: Editora Escala.

MACHADO, I. A. **Literatura e redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouço de. **Planejamento estratégico: Conceitos, metodologia e praticas**. 23ª Ed. São Paulo. Ethos. 2007.

PRESTE, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (RE) escrita de textos: subsídios teóricos e práticas para o seu ensino**. 4. ed. São Paoulo.Editora rêspel,2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Ruth. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: FTD, 1993. P.23.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase e Cia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991. Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.

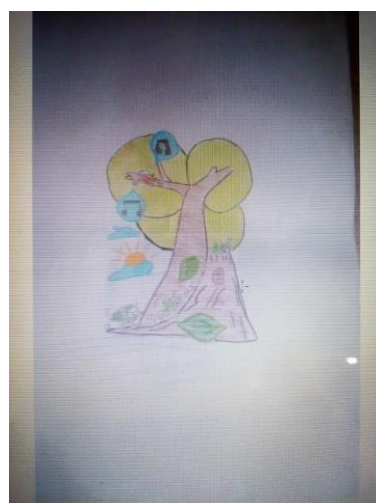
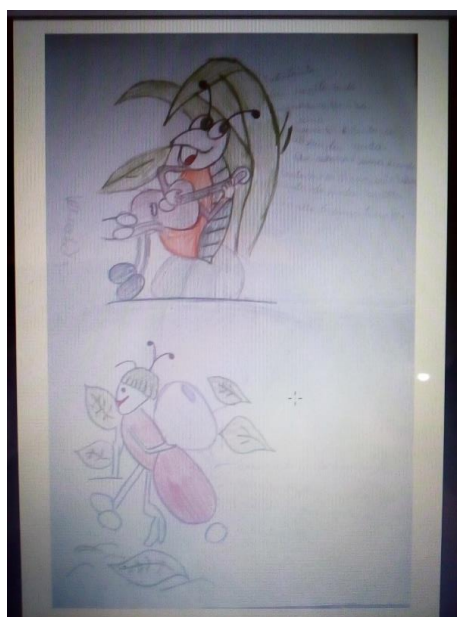
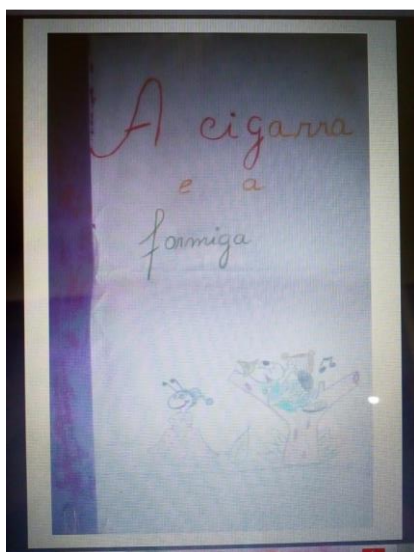
SCHENEUWLY. B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E org. Roxane Rojo e Gláís Sales.

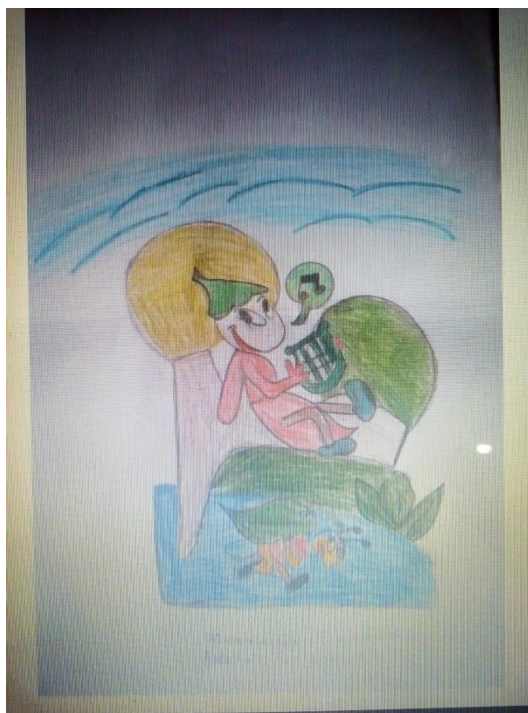
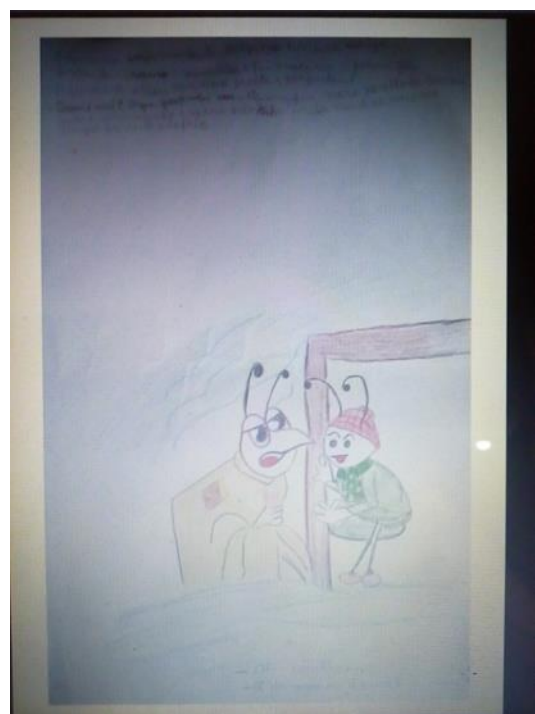
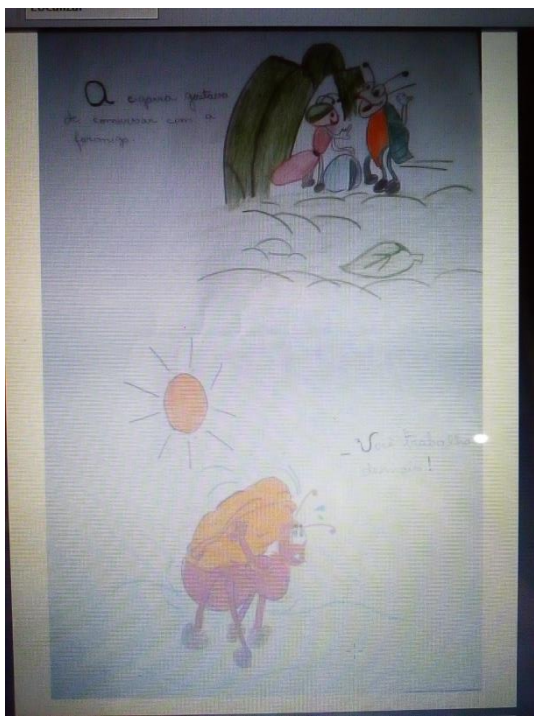
SCHÜLER, Donaldo. **Refabular Esopo**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

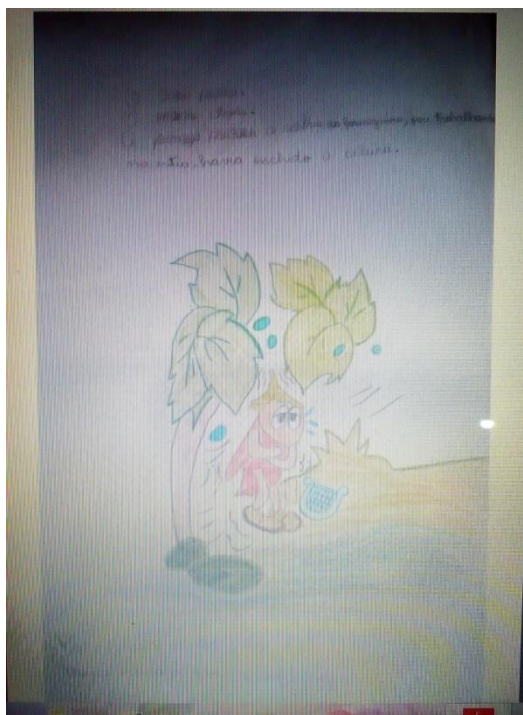
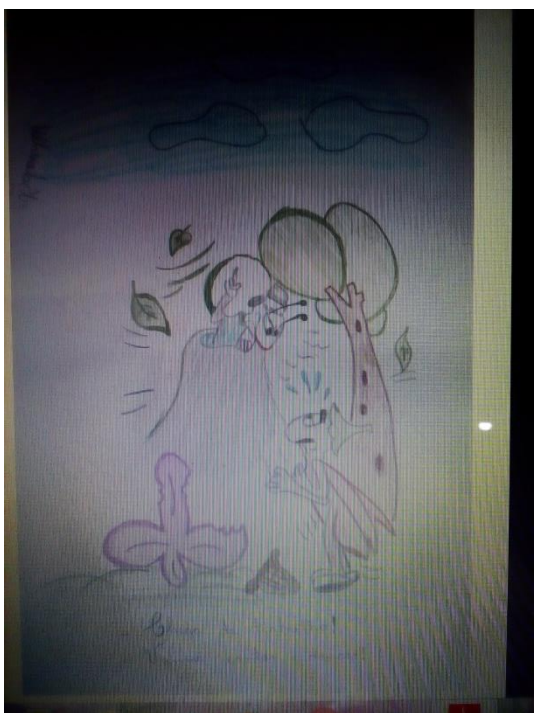
ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.  
De leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## ANEXOS

### ALBUM SERIADO PRODUZIDO PELOS ALUNOS







## REESCRITA DOS ALUNOS EM FORMA DE DESENHOS

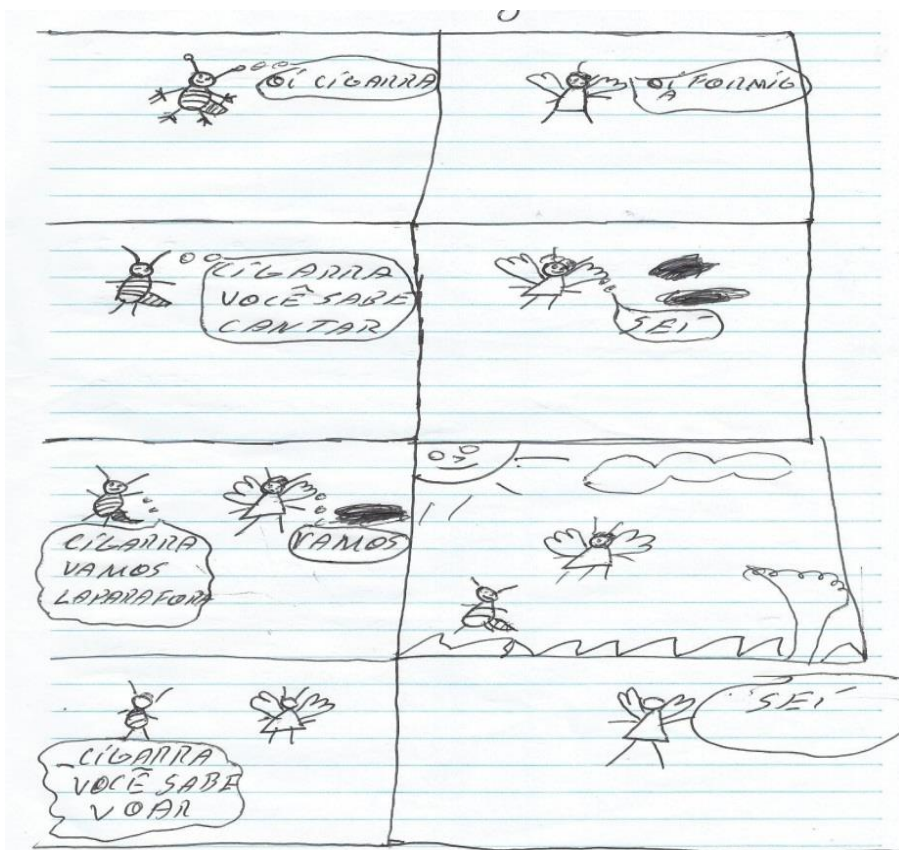
A1



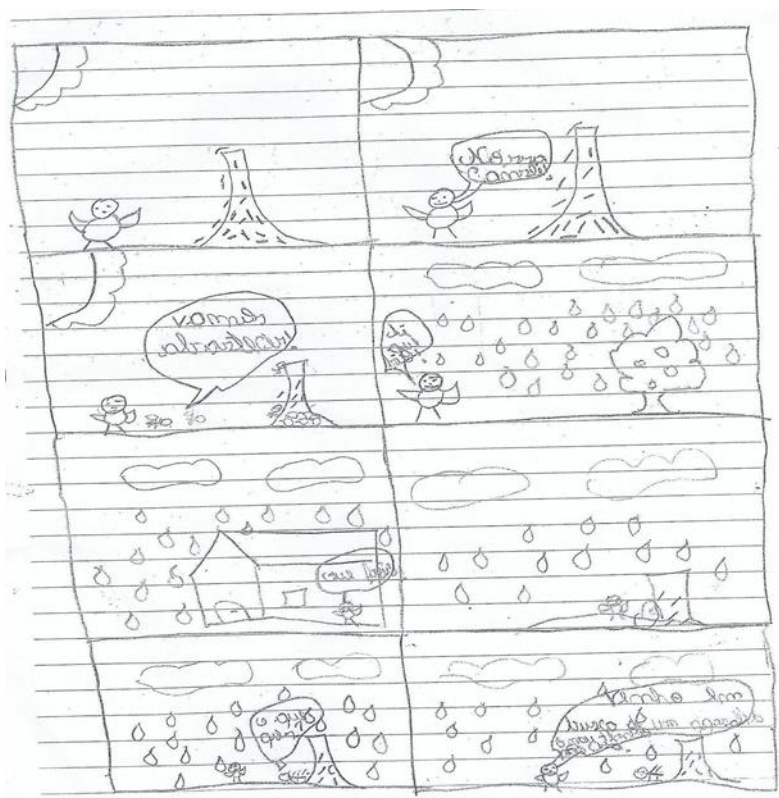
A2




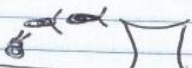



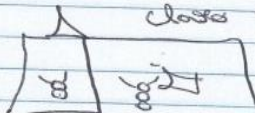
A3



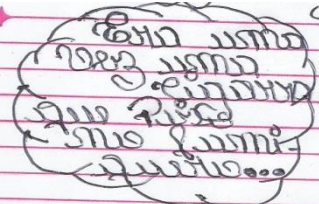
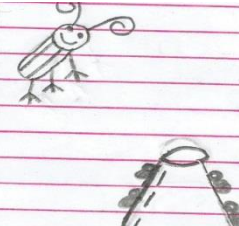
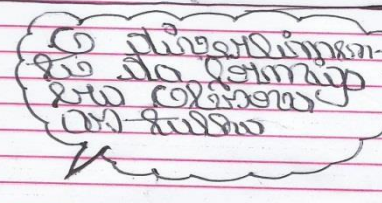
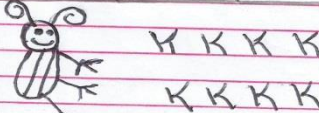
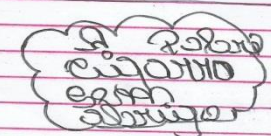
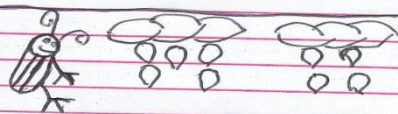
A4



A5

<p>comida</p> 	<p>acostumando a ela trabalhar</p> 
<p>a esposa nao passava de conta</p> 	<p>o feto batem e a coisa com fome.</p> 
<p>passava inteiro</p> 	<p>classe amiga.</p> 

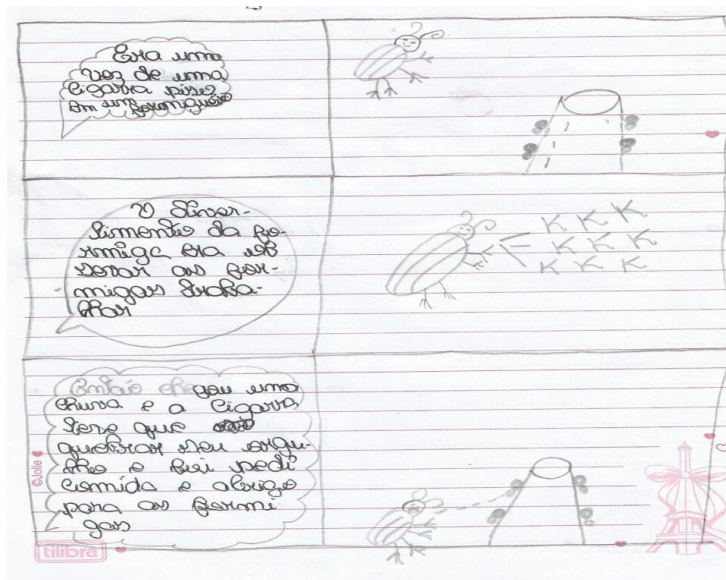
A6

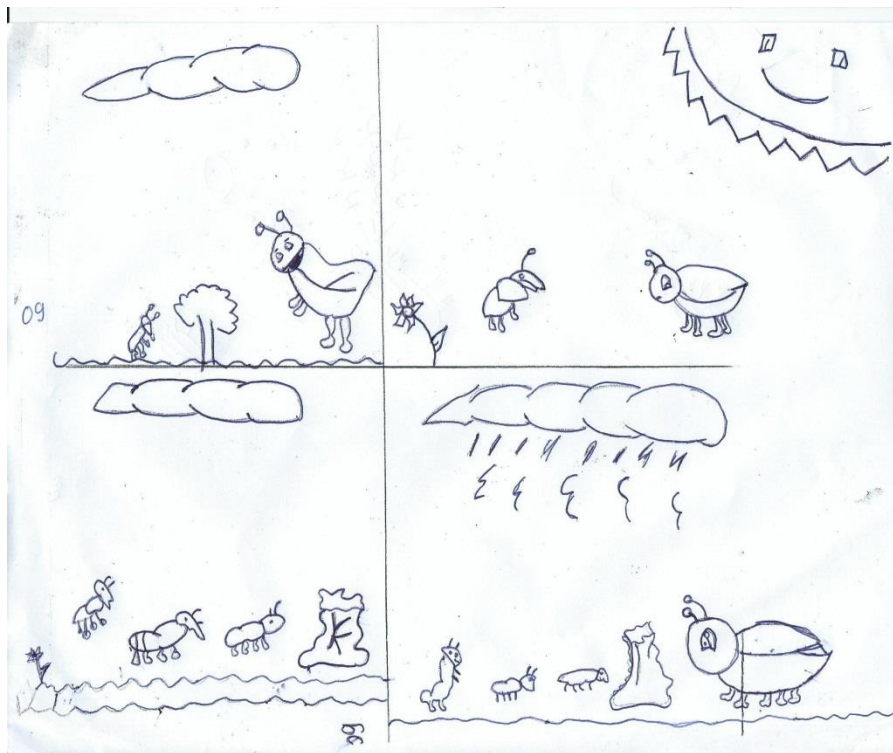
A7



A8



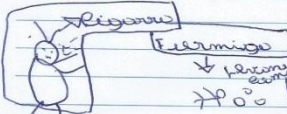
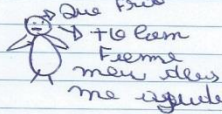


A9



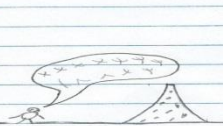

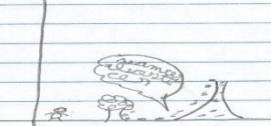

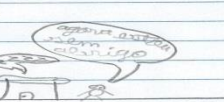
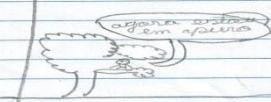

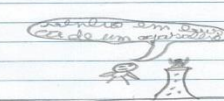
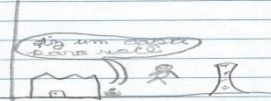

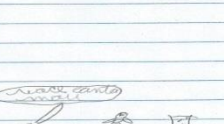

A10

<p>10</p> <p>(qui qui qui)</p>	<p>as formigas ficaram trabalhando e a cigarra não ficou cantando em vez de trabalhar</p>
<p>mas o bom tempo ainda passou e vieram as chuvas</p>	<p>que que? Pergun- tou a formiga</p>
<p>Quero em pouco de terra e um a gente lha e deixei-me entre na formiguinha</p>	<p>não vale das por que deu o verão todo para pegar a sua comida em vez de pegar o que foi que você ficou fazendo o verão todo eu fiquei cantando</p>
<p>então na próxima vez trabalhei para ganhar a sua comida</p> <p>Entre amiguinho por favor</p>	<p>então passou o verão e a cigarra não trabalhou no ficou cantando</p>

A11

<p>Enquanto a Fermigo buscava a cigarra se foi com o não to nem ol...</p> 	<p>A Cigarra não tem nem de. Se foi com a até que chegou o Frio.</p>  
<p>e cigarra que Frio que Fome Ven Fedi ajuda e Fermigo</p> 	<p>TOKTOK... Quem é - Cigarra: me ajuda por favor - Fermigo: Porra deixo eu entrar Por favor... - A Fermigo pensou e</p>
<p>- Deixo entre Cigarra - entrou esteu com muito Frio me ajuda - A Fermigo ajudou ele ele de come...</p>	<p>- A Cigarra - Se <del>compreendera</del> compreendeu de tudo que Frio e disse muita coisas e pediu desculpa</p> <p>Fim</p>

A12

## APÊNDICE

### A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O PROJETO DE IMPLEMENTAÇÃO

<b>Primeiro Momento</b>	Esse foi o momento de identificação do gênero, destacá-lo dos demais, reconhecer que não se escreve de qualquer jeito, mas de um jeito peculiar, já percebendo a silhueta própria do gênero posto em análise.
<b>Segundo Momento</b>	Nesse momento, foi distribuída cópias das duas Fábulas a serem trabalhadas: A cigarra e a formiga de La Fontaine e A cigarra e a formiga má de Monteiro Lobato. Foi feita uma leitura individual.
<b>Terceiro Momento</b>	Com base no levantamento coletado no diagnóstico aplicado, anteriormente, pudemos verificar categorias linguísticas já dominadas e as que ainda se mostravam deficitárias na produção dos alunos.
<b>Quarto Momento</b>	Esse momento, além de ser um indicativo de quais e quantos conteúdos foi apropriado pelo aluno, possibilitando-o pôr em prática seus conhecimentos adquiridos, também possibilitaram ao professor observar as aprendizagens efetuadas, centrar suas intervenções em pontos essenciais e planejar a continuidade do trabalho,

## ETAPAS DO PROJETO

O projeto de pesquisa foi dividido em quatro etapas, conforme Quadro nº 01, abaixo:

<p><b>1ª Etapa</b></p>	<p>Escolha do tema gerador da pesquisa: <b>a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental: as refabulações possíveis</b></p> <p>Levantamento bibliográfico.</p> <p>Elaboração do projeto de pesquisa.</p> <p>Apresentação do projeto ao grupo pesquisado (definição da modalidade escrita para produção de reescrita e seleção do gênero Fábula.).</p>
<p><b>2ª Etapa</b></p>	<p>Produção de uma refabulação da Fábula: A cigarra e a formiga de La Fontaine, para coleta de dados.</p>
<p><b>3ª Etapa</b></p>	<p>Estudo-diagnóstico das possíveis dificuldades do aluno ao reescreverem a Fábula, conforme a orientação da sequência didática.</p>
<p><b>4ª Etapa</b></p>	<p>Reescrita dos textos produzidos na fase diagnóstica da pesquisa</p>